



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

JENNIFER DA CUNHA ALBINO

**PERSPECTIVAS (IN)VISÍVEIS:  
análise das experiências observacionais no estágio de Pedagogia em Educação Infantil**

FLORIANÓPOLIS

2024

JENNIFER DA CUNHA ALBINO

**PERSPECTIVAS (IN)VISÍVEIS:  
análise das experiências observacionais no estágio de Pedagogia em Educação Infantil**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Katia Adair Agostinho.

FLORIANÓPOLIS

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
gerada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Albino, Jennifer

PERSPECTIVAS (IN)VISÍVEIS: análise das experiências  
observacionais no estágio de Pedagogia em Educação  
Infantil Jennifer Albino ; orientadora, Katia Agostinho,  
2024.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. observação. 3. educação infantil. 4.  
estágio supervisionado. I. Agostinho, Katia. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Pedagogia. III. Título.

JENNIFER DA CUNHA ALBINO

**PERSPECTIVAS (IN)VISÍVEIS:**

análise das experiências observacionais no estágio de Pedagogia em Educação Infantil

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 14 de agosto de 2024.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone Vieira de Souza  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Katia Adair Agostinho  
MEN/CED/UFSC  
Orientadora

---

Profa. Ma. Maristela Della Flora  
Doutoranda do PPGE/UFSC  
(Membro Titular)

---

Profa. Ma. Mariana Accordi Goulart Battistotti  
S.M.E. Florianópolis  
(Membro Titular)

---

Profa. Dra. Saskya Caroline Bodenmüller  
NDI/CED/UFSC  
(Membro Suplente)

A memória do meu avô, Altamiro Manoel da Cunha,

Este trabalho é dedicado a você, que sempre foi fonte de inspiração e  
amor incondicional em minha vida.

Apesar de sua ausência física, sinto sua presença em cada passo que  
dou e em cada conquista que alcanço. Sua vida e seus ensinamentos são  
a força motriz que me impulsiona a buscar sempre o melhor em mim  
mesma.

Com eterna gratidão e saudade, careca (de onde quer que esteja)!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é necessário, pois só nos formamos uns com os outros.

Com isso, agradeço:

Primeiramente, aos meus pais, que foram a base da minha jornada. Agradeço por nunca desistirem de mim e por todo o apoio ao longo dos anos.

Às minhas avós Robelia e Rosania e ao meu avô Adir, que, junto aos meus pais, desempenharam papéis fundamentais na minha formação pessoal. Obrigada por serem tão presentes e por todo o amor que me proporcionaram.

Um agradecimento especial ao meu avô Altamiro, que partiu antes mesmo de me ver entrar na faculdade. Tenho certeza de que, onde quer que esteja, torceu muito por mim, me protegeu e apoiou de todas as formas possíveis. Não tenho palavras para descrever o quanto sou grata por tudo que me ensinou e por todo o amor que sempre me deu. Minha força vem de você!

À minha amiga Beatriz Correia, minha dupla ao longo da graduação. Compartilhamos desafios acadêmicos e pessoais, mas também vitórias e momentos de alegria. Seu apoio e parceria foram fundamentais neste processo, e este trabalho tem muito de nós.

Ao NDI, que me permitiu um contato profundo com a instituição pública e excedeu todas as minhas expectativas. Um agradecimento especial às professoras Andressa Silva, Maria Eliza Pimentel e Ligia Mara Santos, que, além de professoras das crianças, também foram minhas.

A minha amiga Juliana e aos meus amigos Vitor e Lucas, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando minhas decisões e acreditando em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento à Universidade Federal de Santa Catarina, pelo ensino público e gratuito, e a todos os professores que me guiaram até aqui. Em especial, à minha professora e orientadora Kátia Adair Agostinho, por seu apoio constante, críticas construtivas e, acima de tudo, por acreditar em mim e em minha pesquisa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste TCC, meu mais sincero agradecimento.

O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.  
(Manoel de Barros)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) analisa as práticas de observação realizadas pelas/os estudantes de Pedagogia durante o estágio supervisionado obrigatório na Educação Infantil no curso de Pedagogia. A pesquisa, ao mapear as diferentes maneiras pelas quais a observação foi experienciada e vivida pelas/os estudantes, foca em dois objetivos específicos: compreender as contribuições da observação para práticas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas; e identificar como as/os estudantes percebem e avaliam a importância da observação em suas práticas. A pesquisa foi conduzida através da leitura da produção da área e análise de 8 memoriais (trabalho final de conclusão do estágio), dos semestres de 2022.2 e 2023.1, permitindo uma compreensão mais aprofundada das diversas abordagens e interpretações da observação. Os dados, resultantes da análise dos memoriais foram agrupados pelas recorrências de temáticas tratadas em torno da observação: i) desafios de observar e focar o olhar, ii) a observação e o dar a conhecer às crianças, iii) a importância de observar e seguir o ciclo das ferramentas da ação pedagógica. Os mesmos indicam que a observação desempenha um papel crucial nas práticas pedagógicas e no atendimento às necessidades individuais das crianças, promovendo um ambiente educativo-pedagógico mais inclusivo e de qualidade socialmente referenciada. Além disso, a análise revelou que as/os estudantes valorizam a observação, apontando a aproximação gradual ao espaço e sujeitos, o foco e intencionalidade como desafios iniciais da observação, que foi utilizada em uma variedade de contextos, incluindo brincadeiras, atividades dirigidas e momentos de rotina, destacando sua flexibilidade e importância. O estudo contribui para a discussão sobre a importância da observação na Educação Infantil, fornecendo insights sobre como as/os futuras/os professoras/es percebem e utilizam essa prática em sua docência. Os achados indicam que a observação orienta a prática pedagógica, enriquece a compreensão dos processos educativos-pedagógicos, promovendo vivências mais significativas e ricas para as crianças; a reflexão contínua sobre as observações, assim como a partilha e colaboração entre estagiárias/os e professoras/es, é essencial para aprimorar as práticas pedagógicas e garantir um ambiente educativo, inclusivo e responsivo. Por fim, o estudo ressalta que a observação é apenas o início de um ciclo contínuo que inclui registro, planejamento, documentação e avaliação.

**Palavras-chave:** Observação; Educação Infantil; Estágio Supervisionado.



## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – atividade do livro “Da minha janela” de Otávio Júnior

39

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

DCNEIs - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

MEC - Ministério da Educação e Cultura

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

DNCR - Departamento Nacional da Criança

NEIM - Núcleo de Educação Infantil

TEA - Transtorno do Espectro Autista

ENADE - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>   | <b>12</b> |
| <b>2 EDUCAÇÃO INFANTIL E FERRAMENTAS DE AÇÃO PEDAGÓGICA</b>                       | <b>19</b> |
| 2.1 Ferramentas da ação pedagógica  | 26        |
| 2.1.1 Observação: a arte de enxergar além do óbvio                                | 27        |
| 2.1.2 Registro: “o ancoradouro do olhar”  | 28        |
| 2.1.3 Planejamento: espaço de criação   | 29        |
| 2.1.4 Documentação: mapas da jornada  | 31        |
| 2.1.5 Avaliação: ecos do cotidiano  | 33        |
| <b>3 A OBSERVAÇÃO SOB A ÓTICA DAS/OS ESTUDANTES</b>                               | <b>35</b> |
| 3.1 Desafios de observar e focar o olhar  | 39        |
| 3.2 A observação e o dar a conhecer às crianças                                   | 42        |
| 3.3 A importância de observar e seguir o ciclo das ferramentas da ação pedagógica | 47        |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>52</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>56</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa conhecer e mapear as diferentes modalidades de observação utilizadas pelas/pelos estudantes nos estágios supervisionados obrigatórios da Educação Infantil no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A escolha deste tema tem relação direta com minha trajetória pessoal e como estudante no curso de Pedagogia. A urgência de discutir esta temática consolidou-se na sétima fase do curso de graduação em Pedagogia, em meu estágio supervisionado obrigatório na Educação Infantil.

O estágio faz parte do nosso trajeto no curso de Pedagogia e está ligado à finalização do curso. Atualmente, o estágio na Educação Infantil acontece na sétima fase do curso de graduação em Pedagogia/UFSC. Este, é de suma importância para nossa formação, pois é um momento de exercício praxiológico, onde toda a teoria estudada dá um sentido e direcionamento à nossa prática, seja nas observações que dão origem aos registros, como também em nossas interações com as crianças.

Além de ser uma prévia para aquelas/es pedagogas/os que pretendem continuar em sala, o estágio é um “tempo e espaço para o pensamento, em que os estudantes exercitam o senso crítico amparados nas teorias e na reflexão, em uma prática de questionar o vivido, estranhar o familiar para repensar, reconfigurar e imaginar a educação que desejamos e defendemos.” (Agostinho e Lima, 2015, p.56). As teorias estudadas ao longo da graduação são como uma bússola, que nos direcionam a seguir determinado caminho ou não, mas é só no estágio que conseguimos compreender com mais profundidade a real função dessa bússola.

Durante o estágio obrigatório na Educação Infantil, nós, estudantes, temos a oportunidade de vivenciar o exercício praxiológico das ferramentas, como a observação, o registro, o planejamento, a documentação e a avaliação. Essa experiência proporciona uma compreensão mais profunda e significativa sobre como as mesmas são efetivadas no cotidiano pedagógico, especialmente no contexto específico da Educação Infantil. Dessa forma, o estágio não apenas aproxima a teoria com a prática, mas também fortalece a conexão entre a Educação Infantil e o exercício das ferramentas de ação pedagógica, preparando as/os

futuras/os pedagogas/os para atuarem de forma responsável, comprometida e qualificada nesse contexto educacional-pedagógico tão importante.

As ferramentas da ação pedagógica são de extrema importância, pois subsidiam o fazer docente a todo momento, criando o ambiente e as vivências necessárias para o enriquecimento, ampliação e complexificação dos repertórios das crianças. É importante ressaltar que, embora todas as ferramentas sejam essenciais na ação pedagógica e se complementem, neste estudo nos concentraremos especificamente na observação, explorando detalhadamente suas contribuições, características, e desafios no contexto da Educação Infantil.

Durante meu estágio supervisionado na Educação Infantil pude compreender na prática a real importância da observação como ferramenta fundamental para compreender as necessidades individuais das crianças. Essa percepção foi tão marcante que refletiu até mesmo na escrita do meu memorial, cujo foco foi exatamente a temática da observação na Educação Infantil. Esse momento foi crucial para aprofundar meu entendimento sobre a observação na Educação Infantil, consolidando ainda mais meu interesse e evidenciando a importância desse tema para minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A observação é um dos princípios do “ser pedagoga” e, infelizmente, não nascemos sabendo observar, principalmente quando se trata das crianças. Quando observamos uma criança em alguma atividade, ação e/ou situação, determinamos logo o que ela está fazendo, isso com base no que olhamos, por vezes de modo aligeirado, consideramos que “observar não é um ato neutro, que simplesmente espelha ou reproduz a realidade, mas é um ato interpretativo, que revela intenções, compreensões, valores, expectativas e representações do observador.” (Ostetto, 2018, p. 25). Ou seja, temos de ter cautela se aquilo que observamos e achamos que compreendemos sejam apenas nossas próprias expectativas; nossa própria interpretação sobre algo que é do *Outro*.

Quando esse *Outro* é uma criança nós adultos, geralmente, achamos que sabemos o que está se passando com aquele ser incompleto que precisa ser formado e socializado (Oliveira e Babia, 2020). Antes de observar as crianças precisamos entender e vê-las como um sujeito, compreendendo que este sujeito é um *Outro*. “É um outro não apenas porque é criança, mas também porque é um outro de nós, que está além de nós. Não bastasse isso, cada

um de nós não é um bloco monolítico, linear, evolutivo, cronológico.” (Oliveira e Badia, 2020, p. 6). Cada “*Outro*” é único.

No percurso desse estudo, ao longo do primeiro semestre de 2022 elaborei o pré-projeto para a disciplina de Pesquisa em Educação II, com o objetivo de dar início às pesquisas referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Esta, teria como foco investigar a transição do lúdico (Educação Infantil) para a escolarização conteudista (Ensino Fundamental), tomando como eixo o corpo infantil. No entanto, devido às limitações éticas que inviabilizaram a execução do estudo de campo proposto, o foco da pesquisa teve uma mudança significativa. Decidi então realizar uma análise documental, mantendo o tema da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Esta nova pesquisa tinha como objeto de estudo realizar uma investigação e análise das indicações apresentadas em produções de concluintes do curso de pedagogia – no período de 2013 a 2022, sobre o processo de passagem das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Considerando que as transições são marcos na vida de todos, sejam elas no âmbito pessoal, profissional ou escolar. A primeira e, talvez a mais difícil, compete a entrada da criança na Educação Infantil, é um momento extremamente complexo onde ocorre a separação entre a criança e sua família. Ainda na Educação Infantil, aos 6 anos de idade, temos a transição para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Conforme os dias foram passando me sentia cada vez menos confortável com o tema do meu TCC, não estava satisfeita com o direcionamento da minha pesquisa. Durante o estágio supervisionado obrigatório na Educação Infantil compreendi na prática a real importância da observação e soube na mesma hora que seria esse o foco da minha pesquisa.

Entendo que, mudanças são necessárias e precisamos delas. Nossas vidas precisam estar em constante movimento para que possamos alcançar nossos objetivos. No entanto, é indiscutível o fato de que qualquer processo de mudança exige um certo esforço, o que pode ser extremamente estressante e gerar desconfortos, ainda mais quando nos afastam da nossa rotina e/ou zona de conforto. Pensando nisso, mais uma vez decidi mudar; sair da minha zona de conforto.

Assim, este estudo busca conhecer e mapear as diferentes experiências de observação utilizadas nos estágios obrigatórios da Educação Infantil do curso de Pedagogia, evidenciando

a importância dessa estratégia para a docência na Educação Infantil. Ao mergulhar na pesquisa pretendo, além de aprofundar sobre a importância da observação, compreender como a mesma influência na construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e respeitadas.

**O objetivo geral desta pesquisa é mapear e compreender as diferentes maneiras pelas quais a observação foi experienciada e vivida pelas/os estudantes de Pedagogia durante seu estágio supervisionado obrigatório na Educação Infantil.**

Para atingir esse objetivo, temos como **objetivos específicos:**

\_ compreender as contribuições da observação para práticas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas, interpretando os dados obtidos e discutindo suas implicações na prática educacional-pedagógica na Educação Infantil;

\_ identificar como as/os estudantes percebem e avaliam a importância da observação em suas práticas.

O caminho metodológico de estudo bibliográfico percorrido realizou a primeira busca nos bancos de dados Scielo e Banco de Teses e Dissertações da CAPES, onde encontrei e analisei 3 documentos relevantes para minha pesquisa, com as palavras chaves de busca: observação e educação infantil, em julho de 2023.

Um dos documentos encontrados durante a busca inicial nos bancos de dados, que consideramos relevante foi o intitulado "A observação na Educação Infantil como forma de respeito às crianças". Trata-se de uma dissertação de mestrado, escrita em 2019, por Viviane Barrozo Manfré e orientada por Cinthia Magda Fernandes Ariosi. Seu objetivo foi refletir sobre o conceito de observação, suas implicações para o trabalho pedagógico na Educação Infantil e seu propósito na contribuição para a melhoria das práticas educativas, com foco no respeito às crianças. Outro documento encontrado foi o artigo intitulado "A importância da observação de aulas na Educação Infantil", escrito em 2016, por Josiete Cristina Schneider Queros e Lidia Stutz. Seu objetivo foi discutir a importância e os resultados das observações realizadas no contexto da Educação Infantil. O terceiro documento encontrado foi o artigo intitulado "Experiência e observação: de Rousseau ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil", escrito por Sueli Soares dos Santos Batista em 2011. Seu objetivo foi resgatar os conceitos de experiência e observação presentes em "Emílio", de Jean-Jacques

Rousseau, discutindo-os na perspectiva de uma educação para a emancipação, conforme formulada pelos autores da teoria crítica, especialmente Walter Benjamin e Theodor W. Adorno.

Posteriormente, em março de 2024, realizei uma nova busca utilizando o Google Acadêmico, obtendo um total de 103.000 resultados com as palavras de busca: observação e Educação Infantil. Após a leitura e análise de 6 documentos, selecionei 1 novo documento que agrega informações cruciais ao trabalho, complementando os dados obtidos na primeira busca. Trata-se do livro<sup>1</sup> "Complexidade e relações na Educação Infantil", de autoria de Maria A. Riera, em que a autora aborda a observação como uma prática que vai além do simples ato de olhar, enfatizando a necessidade de atenção, escuta, tato, respeito e sutileza por parte dos adultos. A observação é apresentada como um conjunto de ações que incluem observar, registrar, analisar, compreender e interpretar, elementos essenciais para uma escuta efetiva das crianças. A partir dessa perspectiva, as/os professoras/es são capacitadas a fazer intervenções que ampliem, enriqueçam e aprofundem as experiências das crianças na Educação Infantil.

Além das buscas nas bases de dados acadêmicas, também busquei referências em livros, artigos de revistas e documentos institucionais que deram base e seguem ampliando o leque de fontes e garantindo uma análise mais abrangente e fundamentada ao meu TCC. A análise e seleção criteriosa dos documentos encontrados em cada busca foram fundamentais para garantir a qualidade e a pertinência das informações utilizadas neste trabalho, refletindo a abordagem crítica e reflexiva apresentada no documentário "Janelas da Alma", que aborda a importância da observação não apenas como um ato neutro, mas sim como uma interpretação subjetiva que revela interesses, compreensões, valores e expectativas do observador.

Ainda é fundamental destacar a importância dos documentos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, com versões atualizadas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), 2009, às Reorientações Curriculares do Município de Florianópolis no contexto da Educação Infantil. A LDB/96, como marco legal da educação brasileira, garante o direito à Educação Infantil. As DCNEIs fornecem orientações essenciais para a prática pedagógica nesse segmento, estabelecendo princípios, fundamentos e procedimentos que devem orientar as atividades relacionadas à

---

<sup>1</sup> Não consegui ler todo o livro, tendo em vista que apenas as primeiras páginas estavam disponíveis gratuitamente.



observação das crianças, estabelecendo as bases para uma abordagem pedagógica que valorize a escuta ativa, a compreensão das necessidades individuais das crianças e o desenvolvimento integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. As Reorientações Curriculares do Município de Florianópolis complementam essas diretrizes, oferecendo uma perspectiva local e contextualizada para a prática pedagógica, enquanto as orientações do MEC fornecem um panorama nacional e diretrizes amplas para a implementação das políticas educacionais. A combinação desses referenciais legais e pedagógicos proporciona um arcabouço sólido e abrangente para a pesquisa e prática da observação na Educação Infantil, contribuindo significativamente para uma educação de qualidade socialmente referenciada e de respeito às crianças.

O processo metodológico adotado - pesquisa da produção científica/pesquisa bibliográfica - permitiu conhecer um pouco da produção acerca das diferentes concepções de observação utilizadas na Educação Infantil, contribuindo para a compreensão aprofundada dessas metodologias no contexto pedagógico. É importante ressaltar que a escolha dessas fontes de pesquisa foi estratégica, abrangendo uma ampla variedade de informações relevantes para o estudo da observação na Educação Infantil.

O próximo passo dos caminhos metodológicos do estudo consistiu na análise dos memoriais<sup>2</sup> do estágio supervisionado obrigatório em Educação Infantil, elaborados pelas/os estudantes do curso de Pedagogia, nos semestres 2022.2 e 2023.1, somando um total de oito memoriais, com os títulos: *"Docência na Educação Infantil e a Docência Compartilhada: Caminhos que se entrecruzam"*, de Kely Cristina Brito Chaves e Rafael Da Silva (2022.2), *"Memorial de estágio: educação infantil - tempos, espaços e materialidades: identidades da infância"*, de Maria Beatriz Paludo Pizzolotto e Thamiris Silveira Mendes (2022.2); *"Estágio na educação infantil: um vislumbre das questões que envolvem a área da educação infantil"*, de Luís Gonzales Bevacqua e Natiele Silva Dos Santos (2022.2); *"Aprendendo a viver a docência na educação infantil"*, de Bianca Barbosa e Helena Gassen (2022.2); *"Memorial: estágio na educação infantil"*, de Amanda Andrett Guimarães e Eduarda de Souza (2023.1); *"Estágio na Educação Infantil - a docência compartilhada"*, de Ana Ruth de Sousa Batista (2023.1); *"O Essencial é Invisível aos Olhos": Memorial de estágio obrigatório supervisionado em educação infantil*, de Jennifer da Cunha Albino (2023.1); *"Estágio na*

---

<sup>2</sup> Os memoriais lidos foram orientados pela professora Kátia Adair Agostinho.

*Educação Infantil - tempo de brincar livre na educação infantil"* (2023.1), de Amanda Becker e Janahina Casalá.

Pretendemos que a análise aprofundada dos memoriais enriqueça ainda mais a compreensão das metodologias de observação no contexto pedagógico, proporcionando uma visão ampla e fundamentada sobre o tema, com base nas abordagens das/dos estudantes do curso em relação à observação na Educação Infantil.

A estrutura do TCC tem a Introdução na primeira sessão, nela apresentamos o que nos motivou a estudar a temática da observação, os objetivos da pesquisa e as escolhas metodológicas do estudo, fechando com essa breve apresentação das partes que compõem o TCC.

Na segunda sessão, intitulada Educação Infantil e Ferramentas de Ação Pedagógica, verso sobre a Educação Infantil, direito das crianças, na perspectiva de seu desenvolvimento integral e a importância das ferramentas da ação pedagógicas para uma docência inclusiva e acolhedora.

Na terceira sessão - A Observação sob a Ótica das/os Estudantes - discorremos sobre as temáticas mais recorrentes das leituras dos 8 memoriais, são elas: desafios de observar e focar o olhar, a observação e o dar a conhecer às crianças e a importância de observar e seguir o ciclo das ferramentas da ação pedagógica. Os mesmos indicam que a observação desempenha um papel crucial nas práticas pedagógicas e no atendimento às necessidades individuais das crianças, promovendo um ambiente educativo-pedagógico mais inclusivo e de qualidade socialmente referenciada. A análise dos memoriais revelou que as/os estudantes valorizam a observação, apontando que o aprendizado da mesma se dá de maneira gradual, sendo o foco e a intencionalidade os desafios iniciais da observação, destacando sua importância para conhecer as crianças.

Nas considerações finais, aligeiradas pela necessidade de adaptação ao cronograma da formatura antecipada, destaco a importância do estágio supervisionado obrigatório na Educação Infantil, que foi um momento de minha formação no curso que considero fundamental para aprofundar minha compreensão sobre a observação como ferramenta pedagógica. Ressalto que a análise dos memoriais ajudou a destacar a relevância de focar o olhar, de usar a observação para conhecer as crianças em profundidade e, a necessidade de

uma observação contínua para promover ambientes educativos inclusivos e comprometidos com a educação da infância.

## **2 EDUCAÇÃO INFANTIL E FERRAMENTAS DE AÇÃO PEDAGÓGICA**

Impossível falar da Educação Infantil sem mencionar a infância e, principalmente, as crianças. Ambas estão intrinsecamente ligadas, sendo a Educação Infantil que defendemos o espaço onde a infância se manifesta em sua plenitude, permitindo às crianças explorar, aprender e desenvolver-se em um ambiente seguro, acolhedor e estimulante, construindo as bases para uma vida escolar e social plena e satisfatória

As crianças, a infância e a Educação Infantil, nem sempre tiveram toda essa importância que as rodeia na atualidade. Por muito tempo, estas tinham um status praticamente nulo, recebendo pouca ou nenhuma importância e atenção. Seu percurso até a atualidade foi marcado por desafios e instabilidades, em um contexto onde não se tinha conhecimento sobre as crianças, a infância e muito menos a importância da educação dessas crianças.

Ao longo deste texto, será descrito o percurso conturbado enfrentado e explicado como se passou de uma ausência quase total de valorização para esta presente hoje. Importante destacar que, apesar do avanço nesse entendimento, ainda há muito a ser feito na Educação Infantil para que a lacuna entre a teoria (legislação) e a prática (realidade) seja efetivamente extinguida, no entanto, divergências sempre haverá, o importante é diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz.

Iniciemos, portanto, a extensa e complexa trajetória da criança, da infância e da Educação Infantil. Mas, antes de falar dos três pontos norteadores desta escrita, quero ressaltar que nossa história brasileira é representada por incontáveis povos, com diferentes culturas, costumes, cores, gêneros e condições sociais, o que infelizmente gerou e gera muitos conflitos, exclusões, aculturações e principalmente, explorações. Isso evidencia que a instabilidade, ou melhor, as dificuldades, não ocorreram (e/ou ocorrem) apenas no contexto das crianças ou da Educação Infantil, pois, infelizmente, toda nossa história, em algum momento, foi marcada por desafios significativos.

Atualmente, a partir de estudos e pesquisas da área, temos uma maior consciência de que a infância é um período extremamente importante na vida de uma criança, já que é nesse

momento que ela se desenvolve e descobre o mundo de modo contundente. No passado não se tinha essa concepção. As crianças eram vistas e tratadas como adultos em miniaturas, muitas pessoas acreditavam que a “função” da criança no mundo era simplesmente garantir a continuidade do sobrenome da família e, até que estivessem aptas para assumir grandes responsabilidades, sua educação e cuidados eram única e exclusivamente responsabilidade da mãe ou das mulheres da família.

No ocidente, com a chegada da Revolução Industrial, a necessidade das mulheres de ocupar o mercado de trabalho, fez com que os operários reivindicassem um lugar onde pudessem deixar seus filhos durante a jornada de trabalho, já que isso era responsabilidade das mães, o que agora não seria possível. Com o passar do tempo, surgiram as creches direcionadas para o cuidado das crianças, enquanto as mães precisavam trabalhar, diferentemente da concepção que temos hoje.

Historicamente, a educação de crianças pequenas nunca foi considerada uma prioridade. A Educação Infantil, assim como as creches, não surgiu com o objetivo de promover o desenvolvimento integral das crianças, como defendemos atualmente. Inicialmente, essas instituições foram criadas com o propósito de permitir a participação das mulheres no mercado de trabalho, retirar as crianças das ruas e mantê-las ocupadas. Nesse contexto, a Educação Infantil funcionava como uma instituição assistencialista, voltada principalmente para atender às necessidades básicas das crianças e, em muitos casos, substituir o papel da mulher no cuidado e supervisão dos pequenos.

Scalabrin e Moro (2017, p.350) destacam que a Educação Infantil surgiu aqui no Brasil como uma prática social e política pública, a qual traz na sua história as marcas de um caminho de muita luta, para conseguir assim assegurar às crianças (como um direito), uma educação formal. Nesse contexto, as instituições assistencialistas representaram apenas o início de um longo e atordoado caminho até a Educação Infantil que conhecemos.

Por volta de 1900/1930, a classe operária passa a protestar contra as precárias condições não apenas em sua vida, mas também no local de trabalho. Os empresários, tentando calar a classe trabalhadora, começam a disponibilizar algumas creches e escolas maternas para seus filhos, ou seja, o mínimo foi concedido ao povo para assim conter, por meio da repressão, qualquer conflito prestes a emergir.

A trajetória da Educação Infantil até ser considerada como um direito universal, é longa, se inicia em 1935, onde surgiu o “Parque Infantil”, instituição que atendia crianças de 3 a 12 anos fora do horário escolar, a qual proporcionou às crianças da classe operária o direito à infância, ao brincar e ao não trabalho. No entanto, foi apenas em 1940, que o então Parque Infantil, o qual teve origem em São Paulo, começou a se espalhar pelo país. Ainda neste mesmo ano, é criado o Departamento Nacional da Criança (DNCr), o qual era responsável por estabelecer as normas para funcionamento das creches.

Em 1942, o DNCr cria a “Casa da criança”, instituição disposta a atender todos os estabelecimentos/faixas etárias em um único lugar, ou seja, em um mesmo prédio seriam agrupadas creche, escola maternal, jardim-de-infância, escola primária, parque infantil, posto de puericultura e, possivelmente, um abrigo provisório para menores abandonados.

Em meados de 1977, surge o “Projeto Casulo”, instituição responsável por oferecer atendimento de cuidados higiênicos, nutricionais, médicos e odontológicos para crianças de até seis anos de idade durante um longo período, para assim proporcionar às mães destas crianças tempo livre para ingressar no mercado de trabalho. Interessante frisar que a Casa da Criança foi desmembrada em 1953 e o Projeto Casulo surgiu com a ideia de prestar favor aos mais necessitados.

Foi apenas em 1980 que pudemos observar um grande avanço na Educação Infantil. É neste ano, que estudos e pesquisas são realizados com intuito de descobrir afinal a função das creches/pré-escolas. Estes estudos concluíram que, independente de classe social, a educação da criança pequena é importante e necessária, sendo assim, todos deveriam ter acesso a ela.

A constituição de 1988, foi um grande avanço em relação à Educação Infantil, afinal de contas, a mesma reconheceu a Educação Infantil como um direito universal para crianças de 0 a 6 anos, e também um direito a homens e mulheres trabalhadores de terem seus filhos cuidados e, principalmente, educados em creches/pré-escolas, sem contar com o fato de que era dever do Estado oferecer este serviço em condições decentes.

Até a década de 1980 no país a Educação Infantil era conhecida por educação pré-escolar, a qual era entendida como uma etapa anterior e preparatória para a escolarização, que só iniciava no Ensino Fundamental. Ou seja, a Educação Infantil não era considerada

educação formal, mas isso só até a Constituição Federal de 1988, onde ela passa a integrar a Educação Básica do país e é reconhecida como tão importante e necessária quanto o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Como pudemos observar, até este momento da cronologia a Educação Infantil no país passou por diversas transformações (creches não tinham caráter formal, as/os professoras/es não eram qualificadas/os, o corpo docente tinha a participação de muitos voluntários desqualificados) e foi graças a Constituição Federal de 1988, que a criança finalmente foi reconhecida como um sujeito de direitos, lugar esse que garantia a ela direitos, principalmente a uma educação de qualidade. A constituição Federal de 1988 se constitui como a primeira lei no país a garantir explicitamente o direito das crianças à Educação Infantil, reconhecida como um direito e dever do Estado, o qual foi posteriormente reafirmado e regulamentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996).

Logo após a Constituição de 1988, a Educação Infantil passa a ter outras formas de conceber as crianças, a infância e a própria educação infantil. Aproximadamente 3 anos depois, é criado o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), para assim definir e regularizar o sistema de educação instaurado na Constituição. Quatro anos se passam e o Ministério da Educação (MEC) publica o documento “Política Nacional da Educação Infantil”, o qual estabeleceu algumas metas, como: expansão de vagas, melhoria no atendimento às crianças e, principalmente, a obrigatoriedade de qualificação das/dos professoras/es.

Ao longo deste texto fica explícita a forma como a Educação Infantil e as crianças não eram legitimadas, mas não se pode negar o fato de que todas as discussões e percalços resultaram em leis e documentos<sup>3</sup> que são extremamente importantes e nos fizeram chegar onde estamos hoje. Isso nos mostra que toda a luta realmente valeu a pena e ainda vale, porque nunca podemos parar de lutar.

O sistema educacional brasileiro está submetido e organizado pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Ela define todos os princípios, diretrizes, estrutura e organização do ensino, abrangendo todas as suas esferas e setores.

---

<sup>3</sup> Leis e documentos: Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e a criação do Ministério da Educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) está em vigor desde 1996, mas sua história remonta à Assembleia Constituinte de 1934, que inaugurou um capítulo dedicado à Educação Nacional, definindo que a União deveria estabelecer um plano nacional e uma legislação que delineassem as diretrizes educacionais. Anteriormente, essa responsabilidade era implicitamente atribuída aos Estados. A elaboração da primeira versão da LDB demandou 27 anos de discussões, tornando obrigatória a formação mínima das/dos professoras/es e a matrícula nos quatro anos do ensino primário. Com a redemocratização e a promulgação da Constituição de 1988, as leis anteriores foram consideradas obsoletas, iniciando-se um processo que culminou na atual LDB, sancionada em 1996 e fundamentada no princípio do direito universal à educação. Esta versão também incluiu, de acordo com o artigo 29 da LDB/96, a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, “visando ao desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando o papel da família e da comunidade”.

A Educação Infantil passou a ser obrigatória no país em uma atualização na LDB em 2013, a qual determinou a necessidade da matrícula e frequência das crianças de 4 e 5 anos na Educação Básica. Esta exigência gerou debates na área da educação. Alguns especialistas argumentam que ela é necessária para garantir o acesso universal à educação desde os primeiros anos de vida, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para a promoção da igualdade de oportunidades. Por outro lado, há críticas e questionamentos sobre a obrigatoriedade tão precoce da Educação Infantil. Alguns argumentam que essa medida pode sobrecarregar as estruturas de atendimento, como as creches, que precisam se adequar à demanda de vagas para atender a essa nova exigência legal. Isso pode gerar desafios logísticos, financeiros e de infraestrutura para as instituições de educação infantil, bem como para as famílias, especialmente aquelas que enfrentam dificuldades para acessar esses serviços.

A Educação Infantil brasileira percorreu um longo caminho até alcançar o cenário que hoje conhecemos. Foi a partir dos decretos e leis, que hoje temos a Educação Infantil como direito de todos, pelo menos na lei, independente de classe social, e mais que isso, temos a compreensão mais ampliada de que as crianças já nascem completas e não como um adulto em miniatura.



No entanto, apesar dos avanços significativos, a Educação Infantil ainda tem grandes desafios a enfrentar. A dicotomia entre creche e pré-escola exemplifica essa realidade, onde as/os professoras/es de creche muitas vezes lidam com condições de trabalho desfavoráveis, financiamento insuficiente e falta de oportunidades de formação adequada. Sabendo ainda que esse segmento da Educação Infantil é o que menos atende a demanda por matrículas. Além disso, a inclusão das crianças de seis anos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sem uma estrutura adequada e sem um plano de transição adequado entre os níveis de ensino é outro desafio significativo. Essas questões refletem a variabilidade na qualidade do atendimento, destacando disparidades entre instituições públicas e privadas, bem como entre diferentes regiões do país.

O acesso universal, embora seja um direito legal, ainda é uma luta em áreas rurais, periferias urbanas e comunidades carentes. A valorização dos profissionais da Educação Infantil também é crucial, demandando investimentos em salários justos, melhores condições de trabalho e oportunidades de desenvolvimento profissional contínuo. A formação inicial e continuada das/dos professoras/es é essencial para garantir práticas pedagógicas de qualidade. A formação inicial fornece a base teórica e prática necessária para o início da carreira docente, enquanto a formação continuada possibilita a atualização constante dos conhecimentos e habilidades, atualizando-se às novas demandas e pesquisas na área. Além disso, é fundamental que existam políticas públicas consistentes que assegurem a implementação efetiva das diretrizes educacionais, promovendo uma educação infantil de qualidade e equitativa para todas as crianças.

Não podemos esquecer das famílias, a participação ativa dos familiares no processo educativo das crianças é essencial, no entanto, ainda é um desafio a ser superado, seja por questões socioeconômicas, falta de tempo ou falta de informação, o que requer estratégias eficazes para promover uma colaboração significativa entre família e instituição de ensino. Além disso, é necessário um maior investimento em infraestrutura e recursos didáticos, que são fundamentais para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e estimulante.

Mas afinal, o que é a Educação Infantil e por que ela é tão crucial no desenvolvimento das crianças? Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o primeiro

contato formal<sup>4</sup> que as crianças têm com o ambiente escolar. Além de ser um direito garantido pela legislação, é uma fase crucial para o desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), estabelecidas em 1999 e posteriormente atualizadas e ampliadas em 2009, são documentos fundamentais que orientam a prática pedagógica nesse segmento da educação. Elas fornecem diretrizes e princípios para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de atividades pedagógicas que atendam às necessidades das crianças nessa faixa etária.

As definições encontradas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) coincidem quanto ao entendimento da Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, destinada a crianças de zero a cinco anos de idade. Ambos os documentos destacam a importância de promover o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando as ações da família e da comunidade. Tanto a LDB quanto as DCNEIs enfatizam a relevância da interação, do brincar, do cuidar e do educar de forma integrada e contextualizada, respeitando as singularidades e necessidades de cada criança.

Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), consideramos a definição de dois eixos norteadores do trabalho pedagógico na Educação Infantil: as interações e as brincadeiras.

O desenvolvimento não é espontâneo, a mera existência de uma criança no mundo não garante que ela irá se desenvolver, pelo contrário, seu desenvolvimento depende da qualidade e do conteúdo das relações sociais, por meio das quais a criança pode aprender. Para se desenvolver, o ser humano precisa internalizar tudo aquilo que a humanidade criou e que está fora dele. É através da relação com o(s) outro(s) que construímos a compreensão de si e do mundo. É também através dessa interação entre sujeitos/mundo que as crianças aprendem a socializar, a compartilhar, a respeitar as diferenças e a construir vínculos. Resumindo, toda e qualquer relação é educativa; ensina algo, seja ela criança-criança, criança-adulto e, talvez a

---

<sup>4</sup> o aspecto pedagógico na Educação Infantil é o que caracteriza essa instituição como um espaço formal de educação e, por pedagógico, não se deve entender apenas propostas escolarizantes, de modelos conteudistas. Esse aspecto engloba a elaboração de práticas permeadas por interações de afeto entre adultos e crianças, mas também por proposições concretas em que a criança possa solucionar problemas.

principal, criança-espço. As DCNEIs ressaltam que as interações devem ser permeadas por afetividade, respeito, escuta ativa e diálogo, criando um ambiente propício para a construção do conhecimento e das relações sociais. Além disso, as interações devem ser pensadas de forma a promover a participação ativa das crianças, incentivando sua autonomia, criatividade e capacidade de resolver problemas.

Além das interações, segundo as DCNEIs, outro elemento essencial na Educação Infantil e no desenvolvimento das crianças, são as brincadeiras. Infelizmente não nascemos sabendo brincar. O brincar não é natural, não está na nossa genética. O brincar precisa ser aprendido, assim como tudo na vida. A educação infantil cria estratégias e planeja tomando a brincadeira como foco principal da interação das crianças com elas mesmas, com os espaços e com os adultos à sua volta. O brincar não é apenas uma atividade recreativa, mas uma forma de aprendizagem e desenvolvimento, visto que, ao participarem de brincadeiras, as crianças exploram suas habilidades, desenvolvem sua criatividade e imaginação, aprendem a resolver problemas, fortalecem suas relações e ampliam seus conhecimentos.

Outro ponto crucial da Educação Infantil são os ambientes de vivências e aprendizagens, os quais devem ser definidos por lugares seguros, estimulantes e que favorecem a curiosidade, a criatividade e a autonomia das crianças. Conforme Giraldo (2008, p. 36, *apud* Delgado, Barbosa e Richter, 2019, p.279), “[...] o espaço é uma forma silenciosa de educar”. Podemos descrever o espaço como “[...] uma espécie de aquário que espelha as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.” (Malaguzzi, *apud* Galadini, 1999, p.157, *apud* Delgado, Barbosa e Richter, 2019, p.280). Os espaços comunicam, assim, é essencial que esses ambientes proporcionem às crianças aprendizagens significativas, respeitando suas individualidades.

## **2.1 FERRAMENTAS DA AÇÃO PEDAGÓGICA**

Ao considerarmos o contexto da Educação Infantil torna-se evidente a necessidade de abordagens pedagógicas que possibilitem a criação de ambientes e vivências enriquecedoras e estimulantes. Nesse sentido, a ação pedagógica desempenha um papel central, sendo fundamentada no exercício efetivo e sistemático de diversas ferramentas, conhecidas por

Ferramentas de Ação Pedagógicas, as quais orientam e potencializam o processo educativo. Entre essas ferramentas, destacam-se a observação, o registro, o planejamento, a documentação e a avaliação, cada uma desempenhando um papel único e complementar no cotidiano educativo.

As ferramentas de ação pedagógica nos permitem mergulhar ainda mais na compreensão das crianças e em suas vivências na Educação Infantil. Ao nos envolvermos com as ferramentas de ação pedagógica, estamos, na verdade, nos engajando em uma escuta ativa das vozes e perspectivas das crianças, deixando de lado aqueles diferentes contextos onde fala-se frequentemente *sobre* as crianças, mas raramente se dialoga *com* as crianças, e permitindo que elas nos revelem seu mundo. É na Educação Infantil que aprendemos a observar, ouvir, dialogar, questionar e, acima de tudo, a respeitar as vozes e perspectivas das crianças, permitindo que elas nos mostrem o mundo através de seus olhos.

Ao interagir e comunicar-se com as crianças de forma colaborativa, as/os professoras/es têm a oportunidade de compreender suas necessidades, interesses e potencialidades. Essa abordagem não apenas fortalece o vínculo entre as/os professoras/es e crianças, mas também enriquece o processo educacional ao incorporar as contribuições únicas das crianças.

Ao proporcionar um ambiente inclusivo e acolhedor, as ferramentas de ação pedagógicas não apenas facilitam o ensino e a aprendizagem, mas também estimulam a autonomia e a criatividade das crianças. Buscamos criar vivências, ambientes e rotinas que respeitem as individualidades das crianças, considerando suas experiências prévias e alinhando-se ao novo conhecimento a ser adquirido.

Ao refletirmos sobre as particularidades, culturas e dimensões da Educação Infantil, buscamos diminuir a distância entre teoria e prática, valorizando a voz das crianças e implementando uma abordagem pedagógica baseada na práxis, conforme indicado por Freire (2003, *apud* Albino, 2023, p.17). Essa abordagem não se restringe apenas ao ensino de conteúdos sistematizados, mas também promove o desenvolvimento emocional, social e ético das crianças, tornando a Educação Infantil um espaço de construção colaborativa do conhecimento, onde as crianças são protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e participativos.

Neste contexto da Educação Infantil temos como ferramentas essenciais para a ação pedagógica: a observação, o registro, o planejamento, a avaliação e a documentação. As ferramentas de ação pedagógicas são constituintes de nossa ação docente, sendo dependentes uma da outra. “não cabe aqui individualizar as ferramentas, mas compreendê-las como indissociáveis e estreitamente relacionais” (Pizzolotto e Mendes, 2022, p.39).

### **2.1.1 Observação: a arte de enxergar além do óbvio**

A observação é um elemento importante e potente da ação pedagógica. É ela que dá origem a todo o ciclo de documentação (registro, planejamento, avaliação e documentação). Por meio da observação as/os professoras/es têm uma “[...] aproximação às crianças reais, concretas, com o intuito de saber quem são, o que fazem, como vivem suas infâncias.” (Florianópolis, 2022, p.293). Esse processo não apenas permite conhecer as particularidades de cada criança, mas também ajuda a compreender suas necessidades, interesses e potencialidades. Dessa forma, a observação não é apenas um ato passivo de olhar, mas sim uma prática ativa e essencial para uma educação de qualidade na infância.

### **2.1.2 Registro: “o ancoradouro do olhar”**

Partindo da observação temos o registro como um documento fundamental. Ele nos permite organizar e registrar o que foi observado, sempre articulando com a teoria. O registro serve como inspiração para pensar no planejamento, na organização do espaço e, principalmente, na nossa ação pedagógica. Ele nos leva a repensar nossas ações, nossa intencionalidade e as teorias que nos orientam. O registro é, então, uma “escuta visível” (Rinaldi, 2012, p.129, *apud* Kramer e Barbosa, 2016, p.57) que nos permite compartilhar a observação feita, ampliando o diálogo e a reflexão sobre as práticas educativas. O registro é necessário para concretizar pensamentos gerados pela observação,

Não se trata, portanto, de produzir registros extensos que abarque o todo superficialmente, e sim, registros que documentam momentos ricos, singulares, muitas vezes inusitados e imprevistos, que explicitem os processos e não os resultados, que tragam à tona as

descobertas, os caminhos percorridos, as hipóteses construídas e reconstruídas et. (Florianópolis, 2022, p.298)

Os registros são um processo contínuo de registrar o observado e refletir sobre isso. A observação sem registro não contribui para a docência. O registro gera interrogações e certezas, revelando o vivido e as transformações. Ele permite que as experiências vividas sejam documentadas e compartilhadas, no entanto, assim como na observação, não é possível abranger tudo o que é vivido no dia a dia. Daí surge a necessidade de elencar prioridades, de se alternar o foco entre as crianças e de saber quais elementos devem ser transformados em registro. Quando registramos

“extraímos da experiência” aspectos que, naquele momento, atribuímos ter maior relevância. Ou seja, ao narrar ressaltamos cores, sabores, ideias, movimentos, práticas, concepções e assim, vou (re)construindo a minha, a nossa história; aprofundando minha consciência sobre a experiência e, simultaneamente, ao contexto da experiência, dando sentido ao que sou(somos) e faço(fazemos) individual e coletivamente. (Oliveira e Lima, 2012, p.1)

Além disso, não existe uma forma certa ou errada de registrar “[...] e sim diversos pontos de vista, diferentes ângulos” (Florianópolis, 2022, p.302), todos são válidos e complementares para enriquecer nossa compreensão do processo educativo. Como mencionado por Oliveira e Lima (2012, p.3) “assim como as crianças possuem ‘cem linguagens’ para se expressar, existem cem formas com as quais podemos refletir, reordenar, compartilhar nossas experiências.”, há múltiplas formas de expressão que podem ser utilizadas no registro, indo além do texto escrito e incluindo vídeos, fotos, cartazes e outras mídias, “e depois cem, cem, cem, sempre cem”! (Malaguzzi, apud Galadini, 1999, p.5, *apud* Oliveira e Lima, 2012, p.3).

### **2.1.3 Planejamento: espaço de criação**

O planejamento, por sua vez, é um elemento crucial que se baseia nas observações e registros realizados. A partir das informações coletadas, desenvolvemos estratégias pedagógicas que respondam às necessidades e interesses das crianças. O planejamento serve como um guia para a prática docente, garantindo que as ações pedagógicas sejam intencionais e alinhadas aos objetivos educacionais. “Se não mirarmos com os olhos direcionados, fixados

nas crianças, nos seus movimentos, gestos, expressões, o olhar se perde e vai parar... na 'atividade'!" (Ostetto, 2000, p.195).

Planejar envolve uma atenção cuidadosa e contínua às crianças, valorizando suas expressões e experiências. À medida que a criança percebe que é escutada ela passa a se sentir valorizada em tudo o que faz e, é incentivada a pensar, criar, imaginar, expressar seus afetos. (Kramer e Barbosa, 2016). Este processo reflexivo permite a/o professora/or entender melhor as necessidades do grupo e tomar deduções que favoreçam o trabalho com as crianças. Com base nas observações detalhadas e nos registros minuciosos construímos o planejamento,

Planejamento é, antes de tudo, uma estratégia para organizar o que será proposto em um processo de reflexão envolvendo todas as ações do cotidiano da Educação Infantil, o que significa empreender-se no desafio pela busca do imprevisível por meio de uma investigação pedagógica. Isto é, significa termos pontos de partida que se ampliam, na medida em que, junto com as crianças, novos rumos vão sendo traçados. Planejamento não é uma forma, ou uma camisa de força, mas é atitude (Florianópolis, 2022, p.305)

O planejamento não é bom ou ruim em si. Tomado como intenção, está submetido à direção que lhe imprimem. Não adianta ter um 'planejamento bem planejado', se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com as crianças; se ele toma as atividades previstas como momentos didáticos, formais, burocráticos; se ele apenas age/atua mas não interage/partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano." (Ostetto, 2000, p.189-190)

Gostaria de ressaltar que durante meu estágio obrigatório supervisionado, minha dupla e eu, desenvolvemos nosso planejamento fundamentado em nossas observações e registros, complementados por nossos estudos na área. Esse planejamento flexível, inicialmente estruturado, foi continuamente ajustado ao longo do tempo, exigindo constantes replanejamentos para atender às particularidades da educação infantil. Dessa forma, conseguimos considerar as crianças como sujeitos centrais do processo, refletindo fielmente as experiências observadas.

Segundo Ostetto (2000), este é um momento reflexivo, em que ocorre um

[...] processo de elaboração [...], onde o educador vai aprendendo e exercitando sua capacidade de perceber as necessidades do grupo de crianças, localizando manifestações de problemas e indo em busca das causas. Vai aprendendo a caracterizar o problema para, aí sim,

tomar decisões para superá-lo. O ato de planejar pressupõe um olhar atento à realidade (Ostetto, 2000, p.178).

Além disso, planejar é uma ação crítica da/do professora/or sobre o seu trabalho docente.

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é a atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados (Ostetto, 2000, p.177).

O planejamento na Educação Infantil deve seguir a tríade de princípios éticos, políticos e estéticos, garantindo que as práticas pedagógicas sejam abrangentes e integradas. Os princípios éticos asseguram que as ações educativas respeitem a dignidade e os direitos das crianças, promovendo um ambiente de respeito mútuo e valorização da diversidade. Os princípios políticos enfatizam a necessidade de uma educação inclusiva e democrática, onde todas as crianças tenham acesso a oportunidades equitativas de aprendizagem e desenvolvimento. Finalmente, os princípios estéticos envolvem a criação de ambientes de aprendizagem que sejam inspiradores e estimulantes, valorizando a beleza e a criatividade em todas as suas formas.

Conforme afirmado nas Reorientações Curriculares do Município de Florianópolis (2022, p.307):

O princípio da ética se relaciona à ideia de um colocar-se no lugar do outro, mesmo quando este outro é bem pequeno, é bebê, buscando compreender suas emoções, seu choro, balbucios, seu silêncio, riso e movimentos. O princípio da política está relacionado à ideia de que as crianças, desde que são bebês, devem ter assegurados os direitos de escolher com quem interagir, com que objeto brincar, de brincar sozinha quando for sua preferência, a cor ou as cores que preferem utilizar no momento de colorir, que rabisco, desenho ou expressão registrar. E o princípio da estética pode ser relacionado com a possibilidade de valorização das produções das crianças em todas as idades. Deste modo, isso implica se despir de uma expectativa adultocêntrica expondo as produções das crianças do modo como elas elaboraram, o que significa reconhecer as primeiras marcas que, por diferentes linguagens, elas vão expressando" (Florianópolis, 2022, p.307).



### 2.1.4 Documentação: mapas da jornada

Para complementar temos a documentação, que é outra ferramenta da ação pedagógica na Educação Infantil e para além. Ela consiste no registro sistemático das observações, reflexões e intervenções realizadas durante o processo educativo. A documentação pedagógica

é mais do que um elemento de registro e memória da Unidade Educativa, é também um caminho para melhor conhecer nossas próprias práticas pedagógicas, tornando-as visíveis. É um meio de revisitarmos nossas ações e refletir com mais profundidade sobre as escolhas que temos feito. É possibilidade para indagarmos se o que estamos propondo e desenvolvendo com as crianças reverbera as suas “vozes”, as suas enunciações e reivindicações daquilo que lhes interessa descobrir e conhecer. (Florianópolis, 2022, p.287 a 288).

Nesse sentido, a documentação pedagógica emerge como uma prática essencial na Educação Infantil, servindo como uma ferramenta poderosa para registrar e refletir sobre os processos. Vai além de simples registros, configurando-se como um meio de tornar visíveis as vivências e aprendizados das crianças, promovendo um diálogo constante entre professoras/es, crianças e famílias. Ela permeia todo o processo de observação, registro, planejamento e avaliação, abrangendo todas as produções realizadas ao longo do estágio. Segundo Ostetto (2018, p. 206),

um meio que contribui para ampliação da compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças; é ferramenta para que os educadores observem, registrem, pensem e comuniquem os acontecimentos cotidianos que envolvem descobertas, tentativas, experiências, construções, hipóteses das crianças sobre o mundo; e também canal de comunicação com as famílias (Ostetto, 2018, p.206).

Quando documentamos o que fazemos, abrimos possibilidades de pensar e repensar o que foi feito, compreender o que se faz e por que se faz, redefinir ou reafirmar o que fizemos. Quando documentamos, não apenas percebemos limites e possibilidades em nossa prática, mas nos colocamos em movimento, à procura de alternativas (Ostetto et al., 2001, *apud* Ostetto, 2000, p.205). Essa prática contínua e reflexiva é crucial para a adaptação e melhoria constante das abordagens pedagógicas.

A prática da documentação permite capturar momentos significativos do cotidiano, incluindo atividades, interações e descobertas das crianças. Esses registros, que podem ser feitos por meio de fotografias, vídeos, anotações, desenhos e outros materiais, oferecem uma visão abrangente do desenvolvimento e das aprendizagens das crianças. Além de registro e memória da Unidade Educativa, a documentação é um meio de revisitarmos nossas ações e refletir com mais profundidade sobre as escolhas que temos feito, garantindo que nossas práticas pedagógicas estejam sempre alinhadas às necessidades e interesses das crianças.

A documentação é, então, uma “escuta visível” (Rinaldi, 2012, p.129, *apud* Kramer e Barbosa, 2016, p.57), uma prática de sair de si, de reconhecer o outro como um ser único e responder de maneira atenta às suas necessidades (Kramer e Barbosa, 2016).

Documentar implica distanciamento, reflexão e pausa diante do ritmo intenso do trabalho educativo. Significa apropriar-se da experiência e buscar conferir sentido e unidade àquilo que parece fragmentado e desconexo. A documentação faz referência ao passado, mas é orientada fortemente ao futuro, possibilitando a construção de significados (Edwards; Gandini; Forman, 2002 *apud* Chaves e Silva, 2022, p.19)

Por fim, é importante ressaltar que a documentação pedagógica não precisa ser uma produção imediatamente eficaz ou uma obra-prima artística. Conforme destacado por Fisher (2001, p.14), "não é obviamente necessário e indispensável que nossa produção seja algo imediatamente eficaz, produza frutos logo ali; nem que sejam obras-primas de criação artística. Não. Mas que pelo menos nossos textos tenham algo de fecundo, de matricial". O valor da documentação reside em sua capacidade de ser um ponto de partida fértil, um terreno onde ideias podem germinar e crescer ao longo do tempo. O essencial é que nossos registros e reflexões sejam significativos, oferecendo uma base sólida para contínuas explorações e aprendizagens, tanto para educadores quanto para crianças. Através da documentação, cultivamos um ambiente de constante desenvolvimento e enriquecimento mútuo, onde cada experiência é uma semente para futuras descobertas.

### **2.1.5 Avaliação: ecos do cotidiano**

Para assegurar que o planejamento esteja realmente atendendo às necessidades e promovendo o desenvolvimento integral das crianças, é imprescindível realizar uma avaliação

contínua e criteriosa. A avaliação, na Educação Infantil, é um processo contínuo e integral que visa compreender o desenvolvimento das crianças em suas múltiplas dimensões. É importante para adquirir dados sobre avanços e dificuldades individuais e coletivas das crianças e da prática pedagógica.

Nesse sentido, a avaliação complementa e fortalece todo o ciclo educativo, abrangendo a observação e registro de todo o processo. Diferente de uma abordagem tradicional que se foca apenas em resultados mensuráveis, a avaliação na Educação Infantil não visa à classificação, mas à melhoria contínua da mediação entre as propostas pedagógicas, as crianças e as/os professoras/es. Desde as brincadeiras espontâneas até as vivências e experiências propostas, a avaliação se manifesta com um olhar atento à individualidade de cada criança, considerando o contexto em que estão inseridas e suas singularidades.

Seguindo as Reorientações Curriculares do Município, compreendemos que "o valor da avaliação está no acompanhamento contínuo dos processos vividos no contexto educacional de experiências e aprendizagens, seja individualmente ou em grupo" (Florianópolis, 2022, p. 314). Este processo formativo da avaliação não se limita a verificar resultados padronizados, mas sim a visibilizar os processos educativos que revelam como as crianças estabelecem relações no e com o mundo (Florianópolis, 2022).

Portanto, a avaliação na Educação Infantil deve ser vista como uma prática integrada e contínua que se desenvolve ao longo de toda a rotina, desde as interações cotidianas até as atividades direcionadas. Sem o intuito de classificação ou seleção, ela se torna uma ferramenta essencial para que os educadores possam ajustar suas práticas pedagógicas, garantindo que as necessidades individuais e coletivas sejam atendidas de maneira eficaz e sensível. Essa abordagem promove um entendimento mais profundo e significativo do desenvolvimento integral das crianças.

Dentre as ferramentas da ação pedagógica, nosso foco principal de estudo e pesquisa é acerca da observação, a qual abordaremos com mais profundidade na próxima seção.

### 3 A OBSERVAÇÃO SOB A ÓTICA DAS/OS ESTUDANTES

No dicionário, define-se “observação” como “Ato ou efeito de observar, de ver ou examinar detalhadamente”<sup>5</sup>. Parece simples, afinal...é só “ver”. No entanto no contexto educacional-pedagógico a observação vai além do papel sensorial de “ver”, ela permite às/aos professoras/es que desenvolvam o pensamento crítico e construtivo, elaborando hipóteses e formulando considerações sobre a ação docente, o que contribui para a aquisição de conhecimentos práticos associados às teorias. Como Wenceslao Machado de Oliveira Jr. observa,

Educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós (Oliveira Jr., 2009, p.19).

Além disso, é fundamental entender a distinção entre olho e olhar. Em várias línguas, essa distinção é clara e significativa. Segundo Bosi (1989, p.28 apud Miranda, 2001, p.29),

Se, em português, os dois termos aparentemente se casam, em outras línguas, a distinção se faz clara ajudando o pensamento a manter as diferenças. Em espanhol: ojo é o órgão; mas o ato de olhar é mirada. Em francês: oeil é o olho; mas o ato é regard/regarder. Em inglês: eye não está em look. Em italiano, uma coisa é o occhio e outra é o sguardo. Creio que essa marcada diversidade em tantas línguas não se deva creditar ao mero acaso: trata-se de uma percepção, inscrita no corpo dos idiomas, pela qual se distingue o órgão receptor externo, a que chamamos 'olho', e o movimento interno do ser que se põe em busca de informações e de significações, que é propriamente o 'olhar'.

Essas reflexões evidenciam que, no campo educacional, a observação é um ato complexo que envolve não apenas o ver, mas também o olhar de forma crítica e interpretativa, transformando a percepção sensorial em conhecimento significativo e aprofundado.

Na Educação Infantil a observação tem uma finalidade fundamental: permite ao docente perceber, (re)conhecer e entender as necessidades e interesses de cada criança e do grupo. Esse processo fortalece o vínculo entre professora/or e criança, promovendo um

<sup>5</sup> OBSERVAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/observacao/>>. Acesso em: 03/06/2024.

ambiente mais acolhedor e, assim, oportunizando melhores vivências e aprendizagens, com vistas a experiência. Toda e qualquer proposta elaborada e desenvolvida com as crianças podem se transpor de duas formas: no âmbito das vivências, o que é vivido nos sentidos, na percepção; ou se consolidar como experiência, que é o que fica na memória; é aquilo que dura. Como professoras/es procuramos gerar experiências, mas essas são da ordem do sujeito, enquanto as vivências são nosso compromisso docente.

A importância da observação se estende além do ambiente educativo na Educação Infantil. A depender do contexto, a observação pode ter definições e finalidades específicas, mas seu papel sensorial permanece constante. Por parecer simples ou refutável, a observação sofre preconceitos e, em alguns âmbitos, não é devidamente valorizada. Afinal, como aponta Weffort (1996, p.13), “Não fomos educados para olhar o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira.” Nosso olhar e/ou observação não são neutros; e sim interpretativos, revelando nossas intenções, compreensões, valores e expectativas. No entanto, não podemos esquecer que grandes descobertas científicas começaram graças à “simples” observação, como o conceito de força da gravidade de Newton, originado enquanto o cientista observava o cair de uma maçã.

Voltando ao contexto específico da Educação Infantil precisamos parar de ver as crianças e começar a reparar nelas<sup>6</sup>; precisamos fazer o exercício de sair de si para ver o outro (Weffort, 1996), só assim vamos realmente conhecer e compreender cada criança, captar as sutilezas de suas singularidades e os pormenores de suas interações, compreender suas necessidades e interesses, criar ambientes responsivos e adequados às suas necessidades.

A observação é a ferramenta básica para construirmos um olhar sensível e pensante. Olhar este que precisa ir além da visão panorâmica; precisa ser constantemente ampliado e aperfeiçoado para que possa perceber e analisar fatos, falas, cenas, imagens e sentimentos que dão origem ao todo (convivência, registro, planejamento, avaliação, documentação). A observação demanda entrega ao outro; “é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história.” (Weffort, 1996, p.1) pois sempre “só vejo o que sei” (Idem, p.2).

---

<sup>6</sup> Saramago, em seu livro “Ensaio Sobre a Cegueira”, usa a epígrafe: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, este reparar se refere a um olhar mais intenso, reflexivo e aprofundado.

Experimentar a docência e suas ferramentas de ação pedagógica me possibilitou múltiplos conhecimentos e descobertas diárias ao longo do estágio; entre essas ferramentas, a observação se destaca como um recurso essencial em minha docência. Percebi na prática que “observar não é um ato neutro, que simplesmente espelha ou reproduz a realidade, mas é um ato interpretativo, que revela intenções, compreensões, valores, expectativas e representações do observador.” (Ostetto, 2018, p.25). Ou seja, normalmente aquilo que observamos e achamos que compreendemos, é apenas nossas próprias expectativas; nossa própria interpretação sobre algo que é do outro.

Ao reconhecer a importância da observação na educação infantil é fundamental entendermos que ela não é um ato passivo ou superficial. A observação requer um olhar atento, sensível e intencional que vai além de simplesmente ver; é um processo de interação profunda com o outro, especialmente com as crianças. Esse olhar, enriquecido pela ausculta<sup>7</sup>, e pela compreensão das singularidades de cada criança, permite criar ambientes educacionais mais inclusivos e significativos. Ao praticar a observação de forma crítica e reflexiva, podemos promover uma educação que verdadeiramente respeite e valorize as crianças como sujeitos de direitos, com suas próprias vozes, interesses e histórias.

Ao longo do semestre 2023.2, durante minha trajetória na disciplina de Educação e Infância VI: Exercício da Docência nos Anos Iniciais, conduzida pela professora Roselete Fagundes Aviz, realizei o estágio obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Assim como no estágio obrigatório da educação Infantil, somos divididas em duplas e/ou trios.

Nossa primeira proposta envolveu o livro “Da minha janela”, do Otávio Júnior. As ilustrações e toda a história por trás prenderam as crianças do início ao fim, elas ficaram fascinadas com tantas cores. Após a leitura pedimos que escolhessem uma janela de sua casa e desenhassem o que veem dela. As crianças se dedicaram aos desenhos, todos ficaram incríveis, no entanto, teve um que nos assustou.

---

<sup>7</sup> [...] o termo ausculta não é apenas uma mera percepção auditiva nem simples recepção da informação – envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro. Inclui a recepção e compreensão, que, principalmente neste caso – o da escuta da criança por adulto, sempre passará por uma interpretação. Tal análise da expressão oral do outro/criança orienta-se pelas próprias intenções colocadas nessa relação comunicativa – lembrando que, quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais. (Rocha, 2008, p. 45 *apud* Agostinho e Lima 2017, p.52)

Figura 1 - atividade do livro “Da minha janela” de Otávio Júnior



Fonte: acervo pessoal

Quando a criança nos entregou esse desenho ficamos em choque. Esta simples ilustração podia representar tanta coisa. Será que é a criança pedindo socorro à vizinha? Ou a vizinha pedindo socorro a ela? Por que tem uma criança pendurada na janela?

Ficamos sem saber o que fazer. No intervalo mostramos o desenho a professora regente e ela comentou que a aluna mora no mesmo terreno que algumas pessoas da família, dentre elas uma tia, que já teve problemas com agressão, então ela disse que talvez o desenho fosse sobre isso, mas, para tirar a dúvida ela foi até a criança e pediu que ela explicasse seu desenho. A criança, dando risada, explicou que ela mora no andar de cima e quando desce as escadas consegue ver dentro da janela de sua vizinha. Quando a vizinha percebe que tem alguém olhando ela grita “oxe”, a criança responde “socorro, sou eu vizinha”.

A observação é extremamente importante na ação pedagógica, mas, por si só, não é suficiente. Isso ocorre porque nem tudo o que parece ser realmente é. Uma cena, uma imagem, um vídeo, uma fala e até mesmo um desenho, quando retirados de contexto, podem representar muitas coisas diferentes. Portanto, é fundamental que a observação esteja sempre acompanhada de uma compreensão contextual e uma análise cuidadosa, para garantir que as interpretações feitas sejam precisas e relevantes.

Para implementar uma prática de observação qualificada na educação infantil, é essencial que as/os professoras/es desenvolvam um olhar sensível e atento, capaz de captar as

nuances das ações e das interações das crianças. Essa prática requer uma abordagem crítica e reflexiva, onde a observação não é apenas um registro passivo, mas um ato interpretativo e analítico que contribui para uma compreensão mais profunda das necessidades e interesses das crianças. Através dessa lente, podemos criar ambientes educacionais mais inclusivos e significativos, que respeitem e valorizem cada criança como um sujeito de direitos, com suas próprias vozes, interesses e histórias.

Para entender mais profundamente o papel da observação como estratégia da ação pedagógica, de como a teoria é vivida na prática e, compreender melhor as diferentes formas e modos pelos quais a observação foi vivida e utilizada no estágio supervisionado obrigatório da Educação Infantil foi realizada uma análise dos memoriais elaborados pelos/as estudantes do curso de pedagogia nos semestres 2022.2 e 2023.1, somando um total de oito memoriais. Esses memoriais fornecem uma visão rica e detalhada das experiências práticas das/os estagiárias/os, revelando como a observação enquanto ferramenta pedagógica foi exercida, conduzida, registrada e refletida em suas práticas diárias. Ao lermos cada um dos 8 memoriais agrupamos as recorrências de temáticas tratadas em torno da observação, são elas: desafios de observar e focar o olhar, a observação e o dar a conhecer às crianças e a importância de observar. Destacamos que as mesmas estão cruzadas, imbricadas na realidade e que aqui são separadas para efeitos de um estudo acadêmico.

### **3.1 DESAFIOS DE OBSERVAR E FOCAR O OLHAR**

Ao adentrar o campo de estágio os desafios se apresentam para as/os estagiárias/os. Nas primeiras entradas em sala muitas/os colegas relataram sentimentos de receio e timidez, comparando a experiência a "adentrar a casa de uma família pouco conhecida" (Chaves, 2022, p.9, *apud* Chaves e Silva, 2022, p.9). Essa primeira impressão evidencia uma atmosfera inicial de estranheza, onde se sentem deslocadas/os, observando de canto e sem saber muito bem como interagir. Essa fase inicial é crucial, pois marca o ponto de partida para o desenvolvimento das habilidades de observação. Aos poucos o desconforto vai dando espaço às aproximações, que podem acontecer de forma gradual, respeitando o tempo e o espaço das crianças e adultos, ou pode ser imediata com as surpresas: “No entanto, esse primeiro



impacto desconfortante foi logo quebrado pelo abraço espontâneo de Antônia, que nos pegou de surpresa, mas que, no fim, gostamos.” (Chaves, 2022, p.9, *apud* Chaves e Silva, 2022, p.9).

Assim como as demais estagiárias/os, tive dificuldades neste primeiro contato com o grupo de crianças onde realizei o estágio. A inserção inicial foi especialmente árdua, pois muitas crianças se mostraram receosas e distantes, dificultando a interação e o estabelecimento de uma conexão significativa. A frequência limitada de visitas ao NEIM – apenas duas ou três vezes por semana – também não favoreceu a construção de vínculos rápidos. No entanto, com paciência e persistência, após quatro semanas, começamos a observar uma evolução positiva na nossa relação com as crianças, como relatado no registro de uma das tardes no parque, onde as crianças passaram a nos requisitar para participar de suas brincadeiras e atividades, demonstrando confiança e afeição.

Dia após dia viemos construindo uma relação com as crianças do g6/5 e as respectivas professoras deste grupo. O início da aproximação foi árdua, quando tentávamos interagir com as crianças algumas delas se mostraram receosas, se afastavam ou então não respondiam o que lhes era perguntado. Infelizmente o período que íamos até o NEIM também não nos favoreceu, comparecemos na instituição apenas 2 ou 3 vezes na semana.

Apesar disso, depois de quatro semanas, conseguimos enfim notar que evoluímos na nossa relação de professora-criança. Percebemos que as crianças passaram a nos requisitar nos momentos de brincadeiras, angústias, conflitos e, principalmente, de alegria. Nesta tarde, enquanto estávamos no parque, as crianças nos requisitaram em todas as suas brincadeiras e atividades propostas pela professora auxiliar. (Albino, Registro de 12 de abril, 2023, p.14-15, *apud* Albino, 2023, p.12)

Percebemos então que iniciar a observação, a primeira ferramenta pedagógica que colocamos em ação no estágio, requer tempo e atenção. É necessário estabelecer uma aproximação cuidadosa e respeitosa com o campo e seus sujeitos, mantendo uma postura ética e sensível ao adentrar um ambiente desconhecido. A importância dessa aproximação gradual não pode ser subestimada, pois ela é fundamental para o sucesso do processo de observação.

A construção de vínculos afetivos começa com a criação de um ambiente acolhedor e seguro, não apenas para as crianças, mas também para nós adultos. As/os estagiárias/os relataram que, ao entrar nas salas sentiam-se receosos e tímidos, no entanto, a aproximação

gradual e o respeito pelo tempo e espaço das crianças permitiram que esses sentimentos iniciais de desconforto fossem substituídos por curiosidade e afeição mútua.

Com o tempo, a complexidade e o desafio do processo de observação tornaram-se mais evidentes. Como cita Agostinho (2016):

O processo descrito das observações exige muito esforço para realizar o recorte, focar a observação no universo rico e plural do contexto educativo. Suportar o recorte é difícil, pois a tendência comum inicial é a de tentar observar tudo e todos. Vamos seguindo as pistas das recorrências de situações registradas, intensificando as descrições das mesmas na busca de superar o que parece óbvio, com atenção sistemática e riqueza de detalhes pormenorizados do observado. E quando chegamos às mesmas dialogamos com as teorias basilares da área para que possamos ampliar nossa capacidade de compreensão. (Agostinho, 2016, p.59)

Essa citação de Agostinho (2016) reflete o esforço contínuo e a habilidade necessária para focar a observação em um contexto educativo diversificado e dinâmico. Embora a teoria “desembarace”; nos informe o que está por vir, a prática é profunda e exige atenção ao contexto e aos detalhes significativos, conectando-se cada vez mais à vivência.

Os relatos das/os colegas demonstram que, inicialmente, muitos tentam observar tudo ao mesmo tempo, sentem-se como “um detetive procurando observar os mínimos detalhes” (Batista, 2023, p.33), o que torna o processo de observação extremamente exaustivo e desorganizado, como mencionam Barbosa e Gassen (2022),

A observação foi a primeira experiência praticada no NEIM, uma tarefa um tanto complexa, se atentar a tantos detalhes acontecendo simultaneamente, não saber em qual ponto focar a atenção, na intenção de não perder algo tão importante que possa estar acontecendo em paralelo a outro. Foi o mais próximo de exercitar nosso olhar atento até então no curso de Pedagogia. Já havíamos lido tantos textos sobre o assunto, e na teoria as coisas sempre aparecem mais simplificadas, porém, a prática tem camadas tão profundas - dependendo de nós, do outro, do lugar, do contexto. A observação se torna algo a ser pensado como um desafio, tendo em vista que não seremos capazes de captar tudo ao nosso redor, e que o que prestarmos atenção, independente do que acabar escapando, será essencial para nos conectarmos cada vez mais àquela vivência. (Barbosa e Gassen, 2022, p.76)

Assim como Barbosa e Gassen (2022) boa parte das/os estudantes ficaram receosas/os se conseguiriam apurar seu olhar dentre tantas crianças e uma multiplicidade de

acontecimentos. Também tiveram aqueles que, assim como Chaves e Silva (2022), tinham receio se entenderiam o que as crianças tinham a dizer, se conseguiriam compreender seus gestos, balbucios e, até mesmo, seus corpos que tanto expressam e comunicam. No entanto, falando de forma geral, quando compreenderam que essa multiplicidade impossibilitaria observar tudo e todos a todo momento, mudaram seu foco, saíram do todo para um observar direcionado, focado.

No processo, à medida que avançam nas observações, as/os estagiárias/os aprendem a seguir pistas recorrentes e a intensificar suas descrições, buscando superar o que parece óbvio e proporcionando uma análise mais detalhada e sistemática do observado. A docência na educação infantil precisa “ser marcada pela curiosidade, pela inquietação, pelo descontentamento, sentimento que nos tire da zona de conforto” (Chaves e Silva, 2022, p.27).

Além disso, as/os estagiárias/os frequentemente recorrem à teoria para ampliar sua compreensão das situações observadas. Isso indica uma interação constante entre a prática e a teoria, onde as experiências vividas no estágio são enriquecidas e interpretadas à luz do conhecimento teórico adquirido durante o curso de Pedagogia. Afinal, a observação não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas também um processo formativo essencial, que exige refinamento contínuo e uma conexão profunda com a teoria educacional.

### **3.2 A OBSERVAÇÃO E O DAR A CONHECER ÀS CRIANÇAS**

A docência na Educação Infantil se dá nas relações travadas entre adultos e crianças, e quando esse outro é uma criança, nós adultos, quase sempre, achamos que sabemos o que está se passando com aquele ser comumente compreendido como incompleto que precisa ser formado e socializado (Oliveira e Badia, 2020). Antes de observar as crianças, precisamos entender e conceber as mesmas como um sujeito, compreendendo que este sujeito é um outro. “É um outro não apenas porque é criança, mas também porque é um outro de nós, que está além de nós. Não bastasse isso, cada um de nós não é um bloco monolítico, linear, evolutivo, cronológico.” (Oliveira e Badia, 2020, p.6). Cada “outro” é único.

Vivemos baseados em uma

(...) postura adultocêntrica e evolucionista, na qual há sempre um que é menor, e sabe menos, e outro que é maior, e sabe mais; um que já é e outro que ainda não é, que se mantém num estado embrionário e que deve seguir o caminho de realização de promessas políticas e pedagógicas formuladas pelos que se colocam como os que já estão no mundo e sabem como este deve funcionar. (Oliveira e Badia, 2020, p.7).

Graças a essa postura adultocêntrica estamos em uma busca constante pelo disciplinamento dos corpos infantis, colocamos limites e moldamos seus corpos para que correspondam a nossas expectativas adultocêntricas (Agostinho, 2018). Não podemos esquecer que o corpo da criança expressa

saberes, dúvidas, aceitação, contraposição, sentimentos, fragilidades, força, agilidade, incapacidade, fraqueza; enfim, seus pontos de vista, nos informando, dessa maneira, os modos de ser criança das meninas e dos meninos. Existem crianças às quais, por escolha ou limitações, a expressão e a experiência de seu corpo, de seus movimentos e gestos são mais contidos, moderados e, em alguns momentos, quase imperceptíveis. As crianças são diferentes entre si, e seu corpo e a forma de expressá-lo também o são. (Agostinho, 2018, p.353-354).

Para compreender as crianças é fundamental que a observação vá além de ouvir suas palavras. Precisamos observar não apenas o que as crianças dizem, mas também como elas se expressam através de seus gestos, movimentos e ações. A comunicação infantil é rica e multifacetada, muitas vezes revelando sentimentos, pensamentos e intenções que não são verbalizados. Ao observar atentamente os gestos e movimentos, captamos nuances importantes que contribuem para uma compreensão mais completa e sensível de cada criança. Esse olhar atento e holístico é crucial para criar um ambiente educacional que respeite e valorize as singularidades de cada criança, permitindo uma educação que realmente acolha e promova o seu desenvolvimento integral.

Quando moldamos uma criança, focadas em nosso adultocentrismo, acabamos por formar um mini adulto; uma cópia de nós mesmos. Não precisamos de mais um de nós no mundo, precisamos de outro, de outros, com outras intenções, compreensões, valores e expectativas.

Hannah Arendt diz que só existe educação porque chegam novos no mundo. Há um encontro, portanto, entre o que já existe e o que está chegando ao mundo, e essa chegada seguramente inaugura algo novo, para ambos. O encontro entre estes dois mundos é o novo que nasce.

E o mundo, diz Larrosa (2003a), precisa acolher essa novidade. (Oliveira e Badia, 2020, p.3)

Observar vai além de olhar, é preciso estar aberto para focar nossa atenção a cada criança de forma consciente e única.

Considera-se que, ao *conhecer as crianças, informamos a Educação Infantil*. Assim, as importantes reflexões, que buscam captar a contribuição geracional das crianças, auxiliam na construção de uma proposta de Educação própria para as crianças pequenas, inclusiva, democrática e emancipatória (Agostinho, 2018, p.154).

Logo no início do estágio a observação é utilizada para (re)conhecer as especificidades do contexto educacional, que é tão rico e complexo. As/os estagiárias/os buscam compreender as singularidades de cada criança considerando-as como sujeitos plenos e únicos, cada um com sua raça, gênero, preferências e diferentes contextos. Como narram Guimarães e Souza (2023),

(...) no encontro com as crianças buscamos compreender quem eram e suas singularidades: suas preferências de músicas, brinquedos, cores, texturas, cheiros etc. Procuramos considerar sua raça, gênero, classe econômica, contexto familiar e todos os elementos que formam a criança para assim conhecer os sujeitos que ali compunham o grupo junto a nós. (Guimarães e Souza, 2023, p.22)

Essa abordagem permitiu às estagiárias e estagiários adequar suas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades individuais das crianças, mas, antes disso, permitiu que eles pudessem conhecê-las e criar vínculos. Nos memoriais das/os colegas encontramos diversas situações que ilustram como a observação ajudou a entender e interagir de maneira mais adequada com cada criança, adaptando as abordagens conforme necessário.

Chaves e Silva (2022) - com crianças de 2 a 3 anos - descobriram que uma das meninas do grupo se comunicava através do choro para expressar a saudade de sua mãe. Já com outras duas crianças do grupo, o olhar era redobrado devido ao processo de desfralde, exigindo atenção frequente para levá-los ao banheiro. As/os estagiárias/os também destacaram duas crianças que, quando queriam algo, acabavam brigando e machucando os colegas. A menina, por querer tudo do seu jeito, e o menino, ainda em processo de aquisição da linguagem verbal, que batia para comunicar seus desejos.

Pizzolotto e Mendes (2022) observaram, em seu grupo de 4 a 5<sup>8</sup> anos, uma diversidade de crianças de “diferentes etnias, de diferentes tons de pele, com diversas texturas de cabelos” (p.37) e que, apesar de terem aproximadamente a mesma idade, cada criança apresentava suas particularidades, com algumas já sabendo ler. Neste grupo, duas crianças de outros países (Venezuela e Argentina) tinham mais proximidade com o espanhol do que com o português, e havia também uma criança diagnosticada com TEA (transtorno do Espectro Autista). Apesar dessa diversidade, o grupo era caracterizado - e, generalizado - por serem crianças criativas, curiosas e brincantes, que se reconheciam enquanto coletivo.

Esse grupo de crianças apesar de caracterizados pela diversidade, podem ser generalizados aqui, de forma a marcar que a turma como um todo é constituída de crianças criativas, curiosas e brincantes, que se reconhecem enquanto um coletivo, brincam juntas, ouvem histórias juntas, correm e exploram os espaços da instituição como um grupo. (Pizzolotto e Mendes, 2022, p.37)

Bevacqua e Santos (2022) redobram sua observação e cuidados sobre uma criança com diabetes em seu grupo de 5 a 6 anos, demonstrando a importância da observação na manutenção da saúde e bem-estar. Barbosa e Gassen (2022) - com crianças de 5 a 6 anos - notaram preferências específicas em brincadeiras (principalmente de imitação e fantasia) e atividades (que movimentam o corpo, vivenciam a natureza e o estar livre) destacando a união do grupo que apreciava fazer as coisas em conjunto.

É difícil colocar em palavras as subjetividades de cada criança, mas conseguimos perceber algumas preferências do grupo - como brincar de lego, desenhar, movimentar o corpo e vivenciar a natureza. Nos momentos de brincadeira com os materiais da sala, percebemos que algumas crianças (...) tem sua escolha em brincadeiras de imitação, como vimos quando fomos convidadas a brincar com elas de restaurante e de médico; enquanto outras crianças tiveram sua preferência em colocar fantasias, como foi o caso *das crianças* (que transitou pelas brincadeiras); já o *menino*, por exemplo, preferiu ficar fazendo movimentos de exercício com o corpo, como flexão no chão; o *menino*, em todas as tardes em que estivemos lá, tinha sua preferência em brincar no parque, ao ar livre. grupo se mostrou, ao nosso ver, um grupo unido, que se ajuda e aprecia fazer as coisas em conjunto. (Barbosa e Gassen, 2022 p.75. Grifos nossos)

---

<sup>8</sup> De acordo com as DCNEIs, as crianças devem ter completado a idade exigida para cada etapa da Educação Infantil (0 a 5 anos) até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula. No entanto, as crianças continuam na Educação Infantil até o final do ano letivo, podendo permanecer até os 5 anos e 11 meses.

Guimarães e Souza (2023), em seu grupo com crianças de 1 a 2 anos, observaram (através do convívio e das entrevistas<sup>9</sup>) que, das 14 crianças em processo de inserção na educação infantil, apenas 4 tinham contato com outras crianças fora da unidade, sendo que 3 dessas citam o contato entre irmãos, ou seja, a grande maioria estava interagindo diariamente com outras crianças pela primeira vez, dividindo atenção e objetos.

Batista (2023), descreve seu grupo de crianças de 4 a 5 anos como “ativas, curiosas e comunicativas (...) que gostam de pular, de correr, de esconder, de fugir, de jogar bola, enfim de inúmeras possibilidades de brincar” (p.32). A estagiária também observa uma diversidade étnica e cultural em seu grupo, que conta com crianças da Argentina, Venezuela, Acre e Rio Grande do Sul.

Durante o período de estágio Albino (2023), trabalhando com um grupo de crianças na faixa etária de 4 e 5 anos, observou o dia a dia e as interações desse grupo,

Se tratando dos brinquedos, notei que elas buscam muito os brinquedos da indústria de massa e estereotipados (super-heróis, bonecos de desenho animados, etc) e pouco, ou melhor, talvez nunca os objetos não-estruturados (conchas, tecidos, folhas, galhos, etc). Já no parque estavam sempre envolvidas em alguma brincadeira que, normalmente, variava de super-heróis, monstros ou restaurantes. (Albino, 2023, p.46)

Esse padrão levanta questões importantes sobre a necessidade de equilibrar o uso de ambos os tipos de brinquedos. Os brinquedos não estruturados oferecem oportunidades valiosas para a criatividade, resolução de problemas e desenvolvimento sensorial, áreas que os brinquedos estereotipados muitas vezes não exploram. A observação ajuda a perceber que incorporar objetos não estruturados nas brincadeiras pode enriquecer a experiência das crianças, promovendo a autonomia, a imaginação e uma conexão mais profunda com o ambiente natural. É fundamental que os ambientes educacionais proporcionem uma variedade de brinquedos para apoiar o desenvolvimento integral das crianças.

Becker e Casalá (2023) notaram, em seu grupo de crianças de 4 a 5 anos, que apesar de todas residirem nas proximidades da instituição, muitas não eram naturais do bairro, um recorte comum em uma região turística. As estagiárias destacaram que, embora houvesse

---

<sup>9</sup> Junto da matrícula as famílias e/ou responsáveis pelas crianças, respondem a uma entrevista/questionário com questões como: nome, local e data de nascimento, composição familiar, convívio com outras crianças, rotina alimentar e de sono, medos, brinquedos e/ou brincadeiras que a crianças gosta, etc.

diversidade de fenótipos no grupo, muitas famílias não preenchem a declaração de raça nas entrevistas. Boa parte das/dos estagiárias/os notaram o mesmo em seus grupos e comentaram estranheza em relação a isso. Por mais que no grupo conseguíssemos observar crianças de diferentes fenótipos, nas entrevistas as famílias não preenchem esta parte, estava sempre em branco e, quando questionadas, as crianças não sabiam dizer. Em meu estágio com as crianças de 5 a 6 anos, em uma conversa com a professora referência do grupo, ela nos informou que apenas uma das crianças era declarada negra, enquanto o restante nem preencheu a declaração de raça nas entrevistas.

Da análise foi perceptível que vínculos afetivos fortalecidos facilitam o processo de observação e intervenção pedagógica. Quando as/os estagiárias/os e professoras/es estabelecem uma relação de proximidade e confiança com as crianças, estas se sentem mais confortáveis e abertas, permitindo uma observação mais precisa e uma intervenção pedagógica mais eficaz. Chaves e Silva (2022) relataram que, ao ganharem a confiança das crianças puderam entender melhor suas necessidades e adequar suas práticas pedagógicas de maneira mais eficiente. Um exemplo é o caso de duas crianças citadas por Chaves e Silva (2022) que iniciaram o desfralde. Durante o processo de desfralde, a atenção redobrada das/dos estagiárias/os permitiu que as crianças se sentissem apoiadas e seguras, facilitando essa fase de transição importante.

A importância da interação e dos vínculos afetivos na observação e prática pedagógica em Educação Infantil não pode ser subestimada. Esses vínculos são essenciais para criar um ambiente seguro e acolhedor, promovendo o desenvolvimento integral das crianças e facilitando a observação e a intervenção pedagógica. A experiência praxiológica das/dos estagiárias/os reforça a ideia de que educar não é apenas transmitir conhecimento, mas também construir relações significativas que enriquecem o processo educativo, as diferentes vivências e o desenvolvimento infantil. Cada criança é um universo único, repleto de particularidades e singularidades que devem ser respeitadas e valorizadas. Nesse contexto, é essencial que professoras/es afetem e se deixem afetar por elas. “A docência na Educação Infantil não se limita a cuidar ou entreter, mas envolve uma atuação relacional, onde o corpo do educador também educa e cuida” (Chaves e Silva, 2022, p. 4).



O espaço do NEIM se diferencia dos espaços privados/domésticos, pois é um ambiente coletivo que reúne sujeitos heterogêneos, cada um trazendo suas vivências privadas para o espaço público. As/os professoras/es devem estar atentos às particularidades de cada criança, buscando compreender e interpretar seus gestos e ações autônomas. Esta compreensão é vital para criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde cada criança possa se expressar livremente e desenvolver suas capacidades. Assim, o papel das/dos professoras/es vai além de simplesmente transmitir conhecimento; envolve também a construção de relações significativas que respeitem e valorizem suas individualidades.

### **3.3 A IMPORTÂNCIA DE OBSERVAR E SEGUIR O CICLO DAS FERRAMENTAS DA AÇÃO PEDAGÓGICA**

Nos diversos memoriais as observações realizadas pelas/os estagiárias/os revelam a diversidade e especificidade dessa ação para a docência. O exercício de observação é constante desde o primeiro contato com a unidade durante o estágio e a cada dia fica mais reflexivo, as teorias começam a ser incorporadas, passam a fazer sentido. As observações detalhadas permitem uma adequação mais precisa das abordagens pedagógicas, promovendo um ambiente educativo-pedagógico mais inclusivo e de qualidade. Esse entendimento profundo reforça a importância da observação focada, detalhada, contínua e atenta na prática pedagógica em Educação Infantil.

A observação na Educação Infantil vai além de uma mera ferramenta pedagógica; ela envolve a criação de vínculos afetivos e interações significativas entre professoras/es e crianças para suas aproximações. Esses vínculos são fundamentais para o desenvolvimento emocional e social das crianças, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor onde elas podem explorar, aprender e crescer.

A importância do ambiente físico e emocional no NEIM não pode ser subestimada. Um ambiente acolhedor e bem estruturado é fundamental para facilitar a construção de vínculos entre professoras/es e crianças, bem como entre as próprias crianças. A disposição dos espaços, a escolha dos materiais e a organização das propostas devem ser planejadas para promover a interação, a exploração e a autonomia das crianças. Quando o ambiente é seguro,

estimulante e adaptado às necessidades das crianças, elas se sentem mais à vontade para explorar, brincar e se expressar, o que enriquece as observações pedagógicas.

Segundo Giraldi (2008, p. 36, *apud* Delgado, Barbosa e Richter, 2019, p.279), “[...] o espaço é uma forma silenciosa de educar”. Podemos descrever o espaço como “[...] uma espécie de aquário que espelha as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.” (Malaguzzi, *apud* Galadini, 1999, p.157, *apud* Delgado, Barbosa e Richter, 2019, p.280).

A qualidade do ambiente físico influencia diretamente a capacidade de observação das/os professoras/es. Espaços bem iluminados, organizados e ricos em materiais diversos permitem que as crianças se engajem em atividades de forma mais espontânea e autônoma. Isso, por sua vez, oferece às/aos professoras/es uma visão mais autêntica dos interesses, habilidades e ações das crianças, possibilitando observações mais precisas e significativas. Além disso, a configuração do ambiente pode facilitar a mobilidade das/dos professoras/es, permitindo que elas/eles estejam presentes e atentas/os em diferentes áreas simultaneamente.

Nós professoras não fazemos decoração, organizamos o espaço pensando pedagogicamente sobre ele. Os espaços comunicam; tudo que está no ambiente comunica algo, são textos visuais que influenciam nos conceitos que as crianças vão formando sobre o mundo. (Albino, Batista, Planejamento, 2023, p.3, *apud* Albino, 2023, p.13)

O ambiente afetivo, por sua vez, é igualmente crucial. Um clima de respeito, confiança e segurança emocional proporciona às crianças um sentimento de pertencimento. Quando as crianças se sentem seguras, elas estão mais propensas a se envolver em interações sociais, explorar novos desafios e compartilhar seus pensamentos e sentimentos. Essas interações permitem às/aos professoras/es entender melhor as dinâmicas de grupo, as preferências individuais e os processos de desenvolvimento de cada criança. Como coloca Agostinho (2005, p.73),

As crianças, ao se apropriarem do espaço, vão dando a ele novos sentidos e significados, inventando outros jeitos de lidar com o chão, paredes, teto, objetos, arranjos, colegas e adultos, criando soluções para viver em lugar de brincadeira, liberdade, movimento, encontros e quietude. Transformam, mudam o espaço, fazendo coisas para além da imposição do traço arquitetônico e do que o adulto propõe. (Agostinho, 2005, p. 73)

Portanto, a criação de um ambiente físico e emocional adequado no NEIM é essencial para a prática pedagógica baseada na observação. Um espaço acolhedor e bem planejado, aliado a um clima emocional positivo, facilita a construção de relações significativas e oferece um contexto rico para observações pedagógicas densas. Dessa forma, o ambiente se torna um aliado poderoso no desenvolvimento das práticas de observação.

A colaboração entre estagiárias/os e professoras/es também é fundamental para o processo de observação. O apoio mútuo e a troca de experiências permitem que as/os professoras/es confrontem suas percepções, compartilhem percepções e desenvolvam uma visão mais diversa e equilibrada das situações observadas. Discussões e feedbacks construtivos ajudam a refinar a prática da observação, tornando-a mais significativa. Conforme afirmam Chaves e Silva (2022), é através do compartilhamento do olhar do outro que enxergamos sob uma nova perspectiva.

A troca de olhares, perspectivas e experiências entre colegas permite que cada um aprenda com os diferentes estilos de observação e abordagem, enriquecendo o entendimento coletivo e promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo. Através da colaboração, as/os estudantes em estágio e professoras/es podem desenvolver estratégias mais eficazes para superar os desafios da observação e melhorar continuamente suas práticas pedagógicas.

O estágio (e até mesmo a docência de forma geral) desperta em nós essa necessidade de um olhar mais atento que considere todos os aspectos do contexto. No entanto, uma pessoa só não consegue dar conta de observar o que acontece com 10, 15, 20, 25 crianças simultaneamente. É nesse contexto que a colaboração entre estagiárias/os e professoras/es se revela essencial. Ao compartilharmos nossas percepções e experiências, conseguimos abranger uma gama maior de situações e contextos, enriquecendo nossa compreensão coletiva e possibilitando uma observação mais detalhada e abrangente.

O estágio desperta em nós, estagiárias/os, a importância e a necessidade da docência compartilhada. Ele nos mostra como a troca de olhares e perspectivas entre docentes enriquece a observação e a prática pedagógica como um todo.

É importante salientar que a observação na Educação Infantil é apenas o primeiro passo de um processo mais amplo do ciclo de documentação, o qual inclui o registro

detalhado das vivências e interações no ambiente educativo-pedagógico que resultam das observações realizadas somadas ao que as mesmas fazem pensar. Assim a observação e o registro constituem a ação docente, acompanhando e nos dando suporte em toda nossa jornada como professoras/es. Além disso, o registro coletivo no estágio é valioso por apresentar diferentes versões e momentos observados, o que é essencial para refletir e socializar sobre a docência compartilhada. Essa prática contribui para uma visão mais plural e diversificada, permitindo uma melhor compreensão das dinâmicas e necessidades do ambiente educativo.

No registro organizamos e pensamos o observado, sendo o “**âncoradouro do olhar**” (Agostinho e Lima, 2017), sempre articulando com as teorias, é no registro que as observações ganham materialidade e se transformam em subsídios para outras ações docente, são inspiração para pensar o planejamento, o espaço e toda a nossa ação pedagógica, de modo que nos faz repensar nossa ação, nossa intencionalidade e as teorias que nos guiam.

O registro desempenha um papel crucial na documentação e análise das práticas pedagógicas, permitindo às/aos professoras/es refletir sobre suas ações, ajustar suas abordagens e compartilhar conhecimentos com colegas e famílias. Além disso, os registros oferecem uma visão abrangente das crianças, proporcionando uma base sólida para o planejamento e a avaliação contínua das propostas. Eles não apenas capturam momentos significativos, mas também revelam padrões e tendências que podem orientar futuras intervenções pedagógicas.

As observações fornecem uma base sólida para identificar as necessidades, interesses e habilidades das crianças, permitindo que as/os professoras/es criem um plano de ação que seja efetivamente centrado na criança. Com essas informações, o planejamento se torna um processo dinâmico e contínuo, que se adapta conforme novas observações e registros são incorporados. Conforme sugere Búfalo (2016), a prática educativa deve sim ser previamente organizada, mas ela precisa estar aberta aos imprevistos, as sugestões e, principalmente, a uma constante mudança e reformulação.

Ao integrar a reflexão das observações materializadas nos registros nos planejamentos a ação pedagógica se torna um processo contínuo de exercício das ferramentas da ação pedagógica, o que nomeamos como o *ciclo das ferramentas da ação pedagógica*, em que as mesmas estão imbricadas e se retroalimentam. Este ciclo de observar, refletir e agir não só

promove um ambiente inclusivo e respeitoso, onde cada criança é valorizada por sua individualidade, mas também transforma a prática educativa em um processo colaborativo e enriquecedor.

Em suma, a observação na Educação Infantil é um elemento fundamental que permeia toda a prática pedagógica. Ela não apenas guia a compreensão das necessidades e interesses das crianças, mas também orienta a criação de ambientes físicos e emocionais que dão suporte ao desenvolvimento integral das crianças. A colaboração entre professoras/es e estagiárias/os, juntamente com um processo contínuo de observação, reflexão e registro assegura um planejamento e prática educativa mais dinâmicos e centrados na criança, promovendo vivências e aprendizados profundos e significativos, oportunidades de crescimentos e descobertas para todos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho vem acompanhada de uma reflexão sobre os desafios enfrentados ao longo deste percurso. A surpresa com o tempo reduzido para a finalização do TCC, imposta pelo encurtamento do prazo devido à formatura, exigiu uma adaptação rápida e abrupta. Inicialmente, a previsão era concluir o curso apenas em 2024.2, mas a necessidade de realizar a prova do ENADE e a política de colação de grau, que determinava que estudantes que se formassem até 01 de outubro de 2024 só poderiam colar grau em agosto de 2025, fez com que eu precisasse antecipar a conclusão. Embora a opção de colar grau em gabinete estivesse disponível, eu sempre sonhei com a cerimônia de colação e não queria abrir mão desse sonho.

Além disso, a experiência de escrever um TCC enquanto conciliava responsabilidades de trabalho e pessoais, somada às dificuldades impostas pela pandemia, problemas de saúde recorrentes, ansiedade e luto, tornaram o processo ainda mais desafiador. Esses fatores ressaltaram a necessidade de um planejamento mais flexível e de uma resiliência contínua para superar obstáculos inesperados e manter o foco nos objetivos acadêmicos.

O estágio obrigatório na Educação Infantil revelou-se um divisor de águas em minha formação pedagógica e em minha vida. Não apenas abriu meus olhos para as complexidades e nuances do ambiente educacional, mas também despertou uma sensibilidade e um interesse profundo pela temática da observação. Esse estágio, que marca a reta final do curso de pedagogia, é o momento em que toda a teoria é colocada em prática, possibilitando uma conexão direta entre o aprendizado acadêmico e a vivência profissional.

Assim que você inicia uma licenciatura, vive dia após dia pensando no estágio obrigatório e quando ele chega, são tantos sentimentos que fica difícil explicar, é um misto de curiosidade, medo, insegurança e anseio pelo novo. (Albino, 2023, p.41)

Nesse contexto, assim como comentam Chaves e Silva (2022), o estágio supervisionado obrigatório na Educação Infantil gera a sensação de conclusão da formação inicial, sendo uma síntese do processo formativo. As diversas perspectivas, concepções e textos estudados ao longo do curso contribuem para a construção de nossa identidade docente, que começa a se formar desde as primeiras fases e, é no momento do estágio que começamos a refletir sobre o tipo de professora/or que desejamos ser.

Ao longo deste estudo aprendi a valorizar a observação não apenas como um método para coletar dados, mas como uma prática fundamental que informa e transforma a ação pedagógica. A observação mostrou-se essencial para adequar as abordagens educativas às necessidades individuais das crianças, possibilitando um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Reafirmo, portanto, que a observação contínua e atenta é vital para uma prática pedagógica de qualidade socialmente referenciada na Educação Infantil.

A análise dos memoriais das/os estagiárias/os trouxe como temáticas recorrentes os desafios de observar e focar o olhar, a observação e o dar a conhecer às crianças e a importância de observar e seguir o ciclo das ferramentas da ação pedagógica. Estas temáticas emergiram com destaque, evidenciando sua relevância para a prática educativa e reforçando a importância de uma abordagem reflexiva e comprometida com o exercício das ferramentas da ação pedagógica sistemática.

Os desafios de observar e focar o olhar revelam a complexidade da tarefa de direcionar a atenção para aspectos específicos dos universos infantis, sem se perder em uma visão excessivamente ampla e generalista. A relação entre a observação e o dar a conhecer às crianças destaca a importância de usar a observação para entender e apoiar o desenvolvimento individual, respeitando a singularidade de cada criança, na vida coletiva da instituição. Além disso, a importância de observar se manifesta na capacidade de criar um ambiente pedagógico mais sensível e inclusivo, que atenda às necessidades reais das crianças e assuma as tarefas da profissão docente.

A contribuição deste trabalho para minha formação é inestimável, pois não apenas amplia meu conhecimento sobre a prática de observação, mas também me proporciona uma base sólida para futuras práticas. Através da análise detalhada das temáticas centrais, consegui integrar a teoria com a prática de maneira mais clara. Cada uma dessas temáticas revelou ideias valiosas sobre como a observação pode ser utilizada para enriquecer as práticas pedagógicas. Este estudo me permitiu compreender como a observação pode servir como um meio para conhecer e valorizar as crianças em sua totalidade. Além disso, a reflexão sobre essas temáticas proporcionou-me ferramentas práticas e teóricas que serão essenciais para minha atuação futura como professora da Educação Infantil.

Refletir sobre o crescimento pessoal e profissional decorrente da prática de observação é fundamental para a formação de professoras/es atentas/os e sensíveis às necessidades das crianças e de uma docência relacional. A observação, como uma prática contínua e intencional, proporciona pensamentos valiosos que informam a prática da/do professora/or, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal. Essa prática exige uma postura reflexiva e atenta, que vai além de simplesmente ver o que acontece ao redor. Envolve perceber nuances, entender contextos e interpretar ações. Esse processo contínuo de observação e reflexão promove um autoconhecimento profundo, pois as/os professoras/es são levadas/os a questionar suas próprias práticas, crenças e atitudes. Assim, aprendem a reconhecer suas limitações e a celebrar suas conquistas, desenvolvendo uma maior consciência sobre seu papel no enriquecimento de todos os repertórios das crianças.

No âmbito profissional, a prática de observação enriquece significativamente o fazer docente. Professoras/es que se dedicam à observação conseguem identificar as necessidades individuais das crianças, adaptar suas estratégias e criar ambientes de vivências e aprendizagens mais inclusivos e estimulantes. Essa sensibilidade aprimorada permite que intervenham de maneira mais assertiva, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, a observação fortalece a capacidade das/dos professoras/es de trabalhar colaborativamente com seus colegas e com as famílias. Ao compartilhar suas observações e reflexões, contribuem para a construção de uma comunidade educativa mais coesa e engajada. A troca de experiências e perspectivas enriquece o entendimento coletivo e fomenta um ambiente de aprendizado mútuo.

Em suma, a prática de observação é um elemento crucial na formação de professoras/es. Ela promove um crescimento contínuo, construindo uma docência mais consciente, reflexiva e sensível. Através da observação, as/os professoras/es se tornam não apenas melhores profissionais, mas também seres humanos mais empáticos e atentos às necessidades do *Outro*.

A formação docente é um processo contínuo, sempre em construção (Bevacqua e Santos, 2022). Nós, professoras/es, não somos “um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe” (Larrosa, 2002, p.25, *apud* Agostinho e Lima, 2017). “Lançamos a promessa nos acertos, mas



com o entendimento das chances de erros, por compreendermos que não somos sujeitos mecânicos e perfeitos” (Guimarães e Souza, 2023, p.4).

Como estagiárias/os e professoras/es nosso lugar não é apenas de quem observa e registra, mas de quem observa, registra, reflete, planeja, replaneja, organiza, reorganiza e se envolve. No estágio estamos diretamente em contato com todas as ferramentas de ação pedagógica; vivemos na prática o “ser professora/or”. Precisamos entender que olhar/ouvir é também sentir. É experimentando as ferramentas de ação pedagógica e nos relacionando com as crianças que vamos aprendendo como ser professoras/es da educação infantil. É preciso se envolver com as crianças em suas brincadeiras e propostas, sem deixar de lado a observação, o olhar atento e reflexivo sobre as cenas ocorridas e nossa ação com elas.

Precisamos buscar a “observação-brincante” destacada por Chaves e Silva (2022), onde o ato de observar se integra à brincadeira e à mediação.

nossa atuação docente também é demarcada pelos registros e pela observação, aqui chamamos de “observação-brincante”, pois ela não se restringe ao simples ato de observar o movimento das crianças. Essa observação interage e propõe junto com as crianças. Ao mesmo tempo que observamos, brincamos, mediamos e propomos, às vezes torna-se necessário replanejar algo, pelos indicativos que as crianças nos deram naquele momento (Chaves e Silva, 2022, p.16).

Por fim, ressalto que a prática da observação e o aprofundamento teórico sobre o tema abriram novas perspectivas para minha futura prática pedagógica e consolidaram minha identidade como professora da Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia. O estágio na educação infantil no curso de pedagogia: nova configuração, novos desafios e outros nem tão novos assim. **Zero-a-Seis**: Florianópolis, v. 18, n. 33 p. 50-64, jan-jun 2016. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2016v18n33p50>.

\_\_\_\_\_, Kátia Adair. O espaço da creche: que lugar é este? **ANPED**, 2005.

\_\_\_\_\_, Kátia. As crianças participam de corpo inteiro. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 2, p. 347-362, maio/ago. 2018. Disponível em:  
<http://educa.fcc.org.br/pdf/conjectura/v23n2/2178-4612-conjec-23-2-347.pdf>.

\_\_\_\_\_, Kátia Adair. A escuta das crianças e a docência na educação infantil. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 12, n. 21, p. 154-166, jul. 2018. Disponível em:  
<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/6178>.

\_\_\_\_\_, Kátia e LIMA, Patrícia. A docência na educação infantil: sobre os contornos da experiência pedagógica no encontro com as crianças. **Investigar em Educação**, Portugal, n.º 4, 2.ª série, 2015. Disponível em:  
<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/58/57>.

\_\_\_\_\_, Kátia Adair; LIMA, Patrícia de Lima. O estágio na educação infantil e o exercício praxiológico nos trajetos vividos na docência-experiência. In: **Anais do 18º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)**, 2017, Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, 2017. p. 1-10.

ALBINO, Jennifer. **“O essencial é invisível aos olhos”**: Memorial de estágio obrigatório supervisionado em educação infantil. Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2023.

BADIA, Denis e OLIVEIRA, Paula. Uma atitude epistêmica: acolher a infância. **Childhood & philosophy**, Rio de Janeiro, v. 16, jul. 2020, p.01-12. Disponível em:  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/viewFile/48363/34533>.

BARBOSA, Bianca e GASSEN, Helena. **Aprendendo a viver a docência na educação infantil**. Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2022.

BATISTA, Ana. **Estágio na Educação Infantil - a docência compartilhada**. Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2023.

BECKER, Amanda e CASALÁ, Janahina. **Estágio na Educação Infantil - tempo de brincar livre na educação infantil**. Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2023.

BEVACQUA, Luís e SANTOS, Natiele. **Estágio na educação infantil: um vislumbre das questões que envolvem a área da educação infantil.** Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2022.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>.

BÚFALO, J. M. P. O imprevisto previsto. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 119–131, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644104>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CARVALHO, Walter e JARDIM, João. **Janela da alma.** YouTube, 2001. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_I9I7upG0DI&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=_I9I7upG0DI&t=2s).

CHAVES, Kelly e SILVA, Rafael. **Docência na Educação Infantil e a docência compartilhada: caminhos que se entrecruzam.** Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2022.

DELGADO, Ana Cristina Coll; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Singularidades da docência na creche: interlocução com pesquisas no Brasil. **Humanidades e Inovação**, Tocantins, v.6, n.15, 2019. Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/59>.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. **Educação e Sociedade**, v. 22, n. 74, p. 165-192, 2001.

FLORIANÓPOLIS. **Reedição das Orientações Curriculares para Educação Infantil Municipal de Ensino de Florianópolis:** Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2022.

GUIMARÃES, Amanda e SOUZA, Eduarda. **Memorial: estágio na educação infantil.** Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2023.

KRAMER, Sonia e BARBOSA, S. N. F. **Currículo e Linguagem na Educação Infantil /** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília : MEC/SEB, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/projetoleituraescrita/docs/caderno\\_6](https://issuu.com/projetoleituraescrita/docs/caderno_6).

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 54, ago. 2001. São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/yMtZP3xbKzTQDZSD3GzVKqN>.

OLIVEIRA, A. M. R. e LIMA, Patrícia. **Reflexões e indicações para a construção do memorial de estágio supervisionado em educação infantil.** 2012.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Dossiê A Educação pelas imagens e suas geografias, 2009. São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qJyszWwyZjGLvnnBvHWFwJM/?lang=pt>.

OSTETTO, L. E. Mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Planejamento na educação infantil mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_, Luciana. A prática do registro na educação infantil: narrativa, memória, autoria. **Revista ambienteeducação**, [S.l.], v. 8, n. 2, jan, 2018, p. 202 – 213. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/526>.

PIZZOLOTTO, Maria Beatriz e MENDES, Thamiris. **Memorial de estágio: educação infantil -tempos, espaços e materialidades: identidades da infância**. Memorial do Estágio em Educação Infantil. PEDAGOGIA/UFSC, 2022.

SCALABRIN, Angela Coutinho; MORO, Catarina. Educação infantil no cenário brasileiro pós golpe parlamentar: políticas públicas e avaliação. **Revista Zero-a-Seis**, v. 19, n. 36 p.349-360 | jul-dez 2017.

WEFFORT, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. Disponível em: [https://issuu.com/ongavante/docs/observacao\\_registro\\_reflexao](https://issuu.com/ongavante/docs/observacao_registro_reflexao)